



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://hdl.handle.net/20.500.12733/21154>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2019 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

MENTE SÃ, CORPO SÃO

Vítor Marmirolli





eria mentira dizer que veio sem aviso.

Os seres humanos subestimam a maioria das coisas, mas dessa vez eles foram longe demais. O Centro de Monitoramento de Atividades Solares, o Cemas, conseguiu detectar a erupção solar assim que ela começou a vir em direção à Terra, mas não achou que sua força seria tão grande. Quando tentou transmitir para todos os países possíveis, apenas alguns acreditaram na informação, outros escolheram verificar por si próprios. Mas o tempo passava e eles não percebiam. No começo, tinham cerca de dezessete horas. Agora, tinham apenas uma para dar o aviso à população, tempo que não foi suficiente.

Quando a explosão atingiu a Terra, poucas pessoas estavam prevenidas. A grande maioria sofreu sem saber por quê. De repente, uma onda de calor e radiação fez com que pessoas vomitassem, desmaiassem. Algumas morreram quase instantaneamente de hemorragia, parada cardíaca e acidentes de trânsito. Os semáforos apagaram. Aliás, tudo apagou. Celulares, computadores, televisões, lâmpadas estouraram, todos os

equipamentos eletrônicos simplesmente pararam. Aviões caíram, alguns dentro de cidades. Nos hospitais, milhares morreram. Equipamentos médicos queimaram, marca-passos estouraram e mataram seus usuários, todas as pessoas que dependiam de máquinas para sobreviver simplesmente não acordaram mais. Nos países que estavam no período noturno, tudo ficou completamente escuro, e apenas o fogo de veículos e prédios queimando iluminou a noite.

A partir daí o caos se instaurou em cerca de três minutos.

Quando se vive em uma grande cidade, na qual a maioria das pessoas depende de energia elétrica, um momento como esse é muito mais confuso. Foi o que aconteceu com os irmãos Lucas e Jéssica. Acostumados a viver uma vida rodeada de tecnologia, a Onda os afetou de uma maneira que jamais imaginariam.

Ambos moravam com os pais, que na ocasião estavam viajando, em um grande apartamento, no mesmo prédio onde também morava a avó, no centro da cidade. Momentos antes da radiação e do calor atingirem a Terra, Jéssica estava conversando com um menino pelo celular, trocando mensagens deitada no

sofá da sala. Sua consciência dizia a ela para levantar e ir estudar, já que estava no último ano da escola e logo mais faria faculdade, mas a conversa, o celular, era muito mais interessante e divertido.

Lucas, esse sim estava estudando. Estava terminando a faculdade de física em uma universidade de renome e já planejava um futuro de pesquisador na área que queria se especializar, astrofísica. Estava na mesa do seu quarto, fazendo alguns exercícios à mão, usando apenas uma calculadora. Em um repente, sentiu que o quarto estava ficando mais quente e abriu a janela. Deixava-a fechada por conta do barulho, mas quando abriu, não ouvia os carros, buzinas, os vendedores. Conseguia ouvir apenas alguns murmurinhos, pessoas conversando em um tom mais elevado também. Achou estranho, mas não se importou.

Quando sentou novamente, sentiu algo quente no bolso. Seu celular estava praticamente pegando fogo. Tirou-o rapidamente e percebeu que ele não estava ligado, mas continuava a esquentar. Num ato de reflexo, o jogou em cima da cama, onde o mesmo explodiu em um pequeno jato de faíscas. Seu cobertor começou a pegar fogo, e logo ele o dobrou para tentar conter as chamas. Funcionou.

— Mas que porra foi essa? – pensou alto, com o susto que havia tomado. Ouviu o barulho do jato de faíscas novamente, mas não era o dele. O grito da irmã veio estridente da sala e ele foi correndo para lá. O mesmo havia acontecido com sua irmã, mas o celular estava mais perto e acabou queimando o pé direito da menina – Caramba, Jé, o que aconteceu?

— Eu não sei, meu celular começou a esquentar muito, aí eu joguei ele para o outro lado do sofá, mas saiu um jato de fogo ou coisa assim dele e uma parte pegou no meu pé – a menina tentava explicar, mas seu choro atrapalhava sua dicção – Está doendo muito!

— Fica calma, eu vou pegar água e a pomada para queimadura da mãe, temos que cuidar disso – Lucas correu para a lavanderia, encheu um balde com água e colocou algumas pedras de gelo, que não estavam demorando muito para derreter. Ajudou a menina a sair de perto do celular, caso algo mais acontecesse, e lhe falou – Coloca o seu pé aqui dentro e deixa ele aí. Está gelado, mas vai melhorar.

A menina colocou o pé no balde e reclamou um pouco, mas o deixou ali mesmo. Ambos se acalmaram lentamente. Lucas foi procurar a pomada para queimaduras que sua mãe tinha. Revirou o banheiro

todo e não conseguiu achar. Pensou em ligar para ela, mas seu celular não funcionava. Pegou o telefone fixo e tentou digitar. Estava mudo. Foi quando parou para olhar em volta.

Saiu da sala e foi até seu quarto. Sua calculadora também não estava funcionando. Tentou ligar o computador, mas este não reagiu. Andou pela casa inteira. Tentou ligar a televisão, abriu a geladeira e viu que ela estava desligada. Quando tentou ligar a lâmpada da sala, a mesma brilhou muito forte e estourou.

— Mas que merda! — comentou, tentando disfarçar o susto que havia levado — Parece que não tem nenhum aparelho funcionando. E esse calor! Ficou tão insuportável de repente!

— Talvez só tenha sido uma pane na usina de novo — a menina conseguia falar mais naturalmente agora que sua dor estava passando — Lucas, está formando uma bolha enorme no meu pé.

— Nem pense em estourar essa bolha, deixa ela aí — o jovem continuou a andar pela casa tentando fazer alguma coisa funcionar, sem sucesso. Voltou para a sala e saiu na sacada para observar a situação fora do prédio. Era sempre o que faziam quando faltava

energia – Acho que o problema não é só aqui. E ele parece ser muito mais grave!

— Como assim? – Jéssica perguntou, confusa – Mais grave como?

— Não tem nenhum carro se movimentando na rua. Está tudo parado. Parece que aconteceram alguns acidentes, tem algumas pessoas caídas na rua. Isso está um caos total!

Lucas não conseguia explicar o que estava vendo direito, assim como a maioria das pessoas. Ele não tinha certeza se as pessoas caídas estavam vivas, mas parecia que sim, para ele. Não faria sentido elas terem morrido em plena luz do dia, em uma tarde de meio de semana. Não parecia normal.

E realmente não era.

— Eu vou na casa da vó ver como estão as coisas por lá e vou descer para a rua – anunciou para a irmã – Quando seu pé parar de arder, tira ele do balde e tenta achar a pomada da mamãe, eu não consegui.

— Tudo bem, mas tem muito problema se eu estourar? – a menina achava que aquilo poderia aliviar sua dor.

— Claro que sim! – o irmão parecia estressado e confuso. Pegou a chave de casa, a carteira com seus

documentos e foi se dirigindo à saída – É sério, não estoure a porcaria da bolha, você pode pegar uma infecção feia, principalmente no pé.

— Está bem – ela estava preocupada com o pé e com a dor – Volta logo.

Lucas saiu e trancou a porta por fora. Dirigiu-se ao elevador e, ao apertar o botão, esperou por um tempo até se sentir um pouco idiota. Ele não estava funcionando. Nesse momento se arrependeu de ter que morar no décimo andar, mas começou a descer os lances de escada rapidamente. Parou quando percebeu que sua vista estava ficando turva, aquela agitação não seria boa no calor que estava fazendo. Continuou descendo normalmente.

Sua avó morava sozinha no oitavo andar, onde os netos sempre iam vê-la, principalmente na hora do almoço, pois seus pais não ficavam em casa, ainda mais agora que estavam viajando, e por isso não poderiam fazer comida para os filhos. Ao chegar na porta, depois de andar pelo corredor que agora parecia muito maior, tentou abri-la, mas estava trancada. Bateu à porta uma vez. Duas vezes. Na terceira, chamou a avó também, mas não obteve resposta. Ficou um pouco preocupado, pois, apesar de sua avó conseguir fazer a maioria das coisas

sozinha, ela tinha um problema no coração que às vezes a deixava fraca. E por isso ela usava um marca-passo.

Desistiu depois da quinta tentativa e continuou descendo os lances de escada. Perguntou-se se aquilo era o certo a se fazer ao invés de subir e ajudar a irmã, mas ele sabia que ela conseguiria se cuidar. Chegou suado ao térreo. O calor, juntamente com seus hábitos nada saudáveis, fazia de Lucas um menino que se cansa facilmente. O porteiro não se encontrava na sua mesa, mas o jovem nem perdeu seu tempo tentando abrir a porta do prédio pelo botão automático, dessa vez sabia que não iria funcionar. Sacou as chaves do bolso e abriu manualmente.

A saída de seu prédio dava de frente a uma avenida bastante movimentada nos dias de semana, e bastante caótica também, pela quantidade de carros. O caos, porém, não se dava pela movimentação dos carros, mas justamente pelo contrário. Todos os veículos estavam parados, alguns haviam até colidido. A maioria das pessoas andava de um lado para o outro, tentando fazer o celular pegar, gritando com outras pessoas por qualquer motivo. Algumas estavam perto da sarjeta, vomitando. A minoria estava tentando ajudar o próximo, pois muitas pessoas estavam passando mal e outras estavam com ferimentos leves.

Aparentemente não havia nenhum tipo de autoridade para controlar a situação.

Lucas não sabia o que fazer. Não teve coragem de ir perguntar para alguém o que estava acontecendo. Olhou em volta e, além de toda a confusão, percebeu que o céu estava mais alaranjado do que o normal e a tarde não estava chegando ao fim. Achou tudo muito estranho e o medo de tentar descobrir mais alguma coisa o fez voltar ao apartamento para ver como sua irmã estava.

— Mas que merda! – Jéssica reclamava da dor em seu pé, e a água do balde já estava morna com todo aquele calor. Estava indignada e estressada com toda a situação. – Por que esse tipo de coisa só acontece quando está tudo dando certo?

A menina levantou para trocar a água do balde. Ao olhar para baixo, viu que a bolha tinha parado de crescer, e atingira um tamanho próximo ao de seu dedão do pé, em largura. Em volta da ferida, quase todo o seu peito do pé estava vermelho. Se não fosse o próprio pé, teria nojo do que estava vendo, mas, como era, a única coisa que ela conseguia pensar era na dor

que aquilo estava causando. Teve dificuldades para andar, mas foi até a cozinha e jogou a água na pia.

Ao virar, olhou em cima da geladeira e achou a pomada para queimaduras. Ficou pensando em como a faculdade tornara seu irmão um completo distraído, e imaginou se ficaria assim no próximo ano também. Pegou a pomada e foi ao banheiro pegar algumas bandagens. Sentou no vaso, com a tampa fechada, apoiou o calcanhar na mesma e ficou olhando a bolha. Ela lembrou de seu irmão falando para ela não a estourar, mas não conseguiu resistir à tentação. Tudo o que ele falou devia ser mais uma besteira qualquer que leu na internet, não devia ser verdade. Furou a pele com suas unhas grandes, e observou o líquido que escorria. Era uma sensação prazerosa, e ao mesmo tempo aliviava a sensação da queimadura.

Esperou tudo escorrer, espremeu um pouco até, mas não arrancou a pele. Passou pomada quase no peito do pé inteiro e o enfaixou. Ele ficou quente, talvez mais do que o próprio apartamento. Quando voltou para a sala, sem sinal de Lucas, decidiu sair do apartamento para ir atrás do irmão. O longo corredor estava vazio como sempre, mas o barulho no prédio parecia maior, mesmo no período da tarde, quando a

maioria dos moradores está fora, a trabalho. Ouvia passos nos andares de cima e de baixo. Passos apressados, tensos. Ficou com um pouco de medo e se assustou com um barulho enorme. Parecia que alguém estava quebrando uma porta aos pontapés.

Entrou correndo e colocou os tênis, mal amarrando os cadarços. Seu maior medo era que alguém estivesse tentando entrar no apartamento da avó, e ela tinha que fazer alguma coisa. Saiu pela porta correndo, apertou o botão do elevador e ficou esperando, enquanto o barulho continuava e a assustava a cada baque. Esperou mais um pouco, apertando incansavelmente o botão, mas como o elevador não veio, decidiu que iria descer de escada. Só quando estava nos primeiros degraus que notou o que acabara de fazer, mas não parou. Desceu tão rápido que pulava alguns degraus, por mais que fosse perigoso. Em momentos como esse, a dor parecia sumir. Abriu a porta do oitavo andar, rezando para o barulho não estar vindo de lá.

Mas estava.

Passou pelo corredor o mais rápido que seu pé a deixava ir e, ao virar a esquina, uma raiva enorme a incendiou.

— O que você está fazendo, seu demente?! – perguntou ao irmão, que tentava de todo jeito abrir a porta do apartamento da avó, tanto no chute quanto com o ombro – Você enlouqueceu?!

— Me ajuda aqui, ao invés de ficar reclamando! – Lucas não havia tirado os olhos da porta desde o começo da conversa e estava com raiva porque a porta não abria – A gente precisa abrir essa porta!

— Você já tentou usar a chave?

— E por acaso eu tenho a porcaria da chave? – chutou a porta novamente, com a sola do pé, e foi jogado uns passos para trás. Jéssica o empurrou para longe, achando que o irmão era a pior pessoa da terra.

— O que você está fazendo na faculdade que te deixou assim? – perguntou, com uma raiva incessante – Você esqueceu que tem uma chave embaixo do capacho?

— Você acha que eu ia lembrar? – o jovem se sentiu burro, mas o estresse todo da situação não o deixava se desculpar. Observou a irmã pegar a chave para abrir a porta – Rápido, é questão de vida ou morte!

— Como assim? – a menina travou por uns segundos e pensou imediatamente no pior – Explica isso direito!

— Não sei, estou com um pressentimento muito ruim – o rapaz não piscava, seu rosto era a personificação da dúvida e do desespero – Abre logo essa porta, Jéssica!

A menina abriu a porta com alguma dificuldade. Estava tentando conter a tremedeira. Assim que ouviu o barulho da tranca, Lucas entrou, bruscamente, passando na frente da irmã.

— Vó? Vó! A senhora está em casa? – o jovem gritava enquanto procurava pelos cômodos. O apartamento dela era idêntico ao deles, então Lucas sabia onde estava cada coisa. Foi até o quarto, mas a velha não estava lá. Sua cama parecia recentemente desarrumada. Foi até o banheiro e abriu a porta bruscamente, mas ela também não estava lá. Onde diabos estaria? Correu de volta à sala, onde encontrou Jéssica parada, pálida, na entrada da cozinha em conceito aberto. Antes que pudesse falar qualquer coisa, viu a primeira lágrima escorrendo do rosto da irmã.

— Ai, meu Deus! Não! Não! Não! – a menina gritou e começou a chorar na entrada da cozinha. O que ela encontrou, realmente, não era agradável. Sua avó estava caída no chão, ao lado da mesa que ficava no centro da cozinha, com sangue escorrendo pela boca e

uma ferida na cabeça. O olhar vazio de uma pupila pequena, a pele sem cor, os pulmões que já não funcionavam mais. O cômodo se silenciou, e a única coisa audível era o choro da menina. A poça de sangue sujou os joelhos e mãos de Jéssica quando ela se aproximou do corpo, mas ela não havia reparado – Lucas! Lucas! Pelo amor de Deus!

Ele hesitou. Sabia o que estava acontecendo, mas não queria aceitar. Andou devagar, cada vez chegando mais perto. Sentiu o estômago revirar, a vista ficando novamente turva, mas alguma coisa fez com que ele continuasse. O choro e os gritos da irmã só ficavam mais altos. Quando entrou no recinto, confirmou o que não queria que fosse verdade, e travou. Ficou olhando a cena como se não fosse parte dela. Seu rosto ficou pálido e por alguns instantes achou que fosse desmaiar. Seu olhar ficou escuro por um momento e ele apoiou a mão na bancada. Quando recobrou a visão, sentiu enjoo, sentiu toda a comida do dia voltando lentamente pela garganta. Correu em direção à sacada e vomitou três vezes seguidas, sentiu o gosto amargo do seu estômago na boca, sensação que detestava. Enquanto isso, a única coisa que ocupava a sua mente eram os gritos de agonia da irmã.

Jéssica tentava acordar a avó, balançando o corpo de um lado para o outro, mas era inútil. Não conseguia pensar em nada, apenas sentia as lágrimas salgadas descendo da bochecha até a boca, caindo e se misturando ao sangue. Se alguém passasse pelo andar, e passaram, ouviria os gritos. Mas ninguém apareceu, ninguém tentou ajudá-los. Não havia mais nada o que fazer. A avó deles estava morta.

Lucas sabia que não podia ficar ali na sacada, olhando para os restos de comida mastigada. Quando sentiu o estômago melhorando, foi para junto da irmã. Olhar a cena era quase impossível para ele. A irmã deitada sobre o corpo sem vida da avó, tentando reanimá-lo. Andou lentamente enquanto as primeiras lágrimas começavam a descer pelo seu rosto também, mas ele precisava ser forte, precisava ajudar Jéssica. Colocou a mão no ombro da menina, tentou dizer alguma coisa, mas a voz falhava. Tirá-la de lá parecia impossível, mas ele conseguiu fazer com que ela levantasse, mesmo com ela resistindo para ficar.

— Não! Não! Me deixa aqui! – a jovem gritava. Virou-se para o irmão e começou a bater no peito dele, mas este não se importou – Por quê?! Por quê?!

Ele a abraçou com força, enquanto ambos apenas conseguiam chorar. Quando perceberam, o cheiro do cadáver já estava começando a ficar forte, o que estava dando enjojo no rapaz novamente, que não conseguia voltar o olhar para o corpo. Ele a levou para fora do apartamento, fechou a porta achando que tudo era só um sonho, uma ilusão. Que aquele cenário, quando entrassem novamente, não estaria mais lá. Como eles iriam contar isso para os pais? Como suportariam saber que há um corpo dois andares abaixo, e não há ninguém para ajudá-los? Tentavam entender e aceitar o que estava acontecendo, mas era muito difícil. Apenas aqueles que já passaram por uma grande perda sabem como é o sentimento.

A menina se soltou do irmão, fez como se fosse sair correndo, mas travou. Não sabia o que fazer. Encostou na parede e escorregou até o chão, abraçando os joelhos e continuando a chorar, confusa. Lucas levou as mãos à cabeça e puxou o cabelo, andando de um lado para o outro, tentando aliviar a dor emocional com dor física, ainda sentindo o gosto do vômito na boca. Parou e socou a parede, como se fosse melhorar a situação, encostou a cabeça nela e se deixou consumir pelas lágrimas. Ambos ficaram ali por uns minutos, até

se acalmarem, até o choro parar. Ninguém apareceu, ninguém. Eles estavam sozinhos para enfrentar aquela situação, e não sabiam o que fazer. As únicas palavras que trocaram na próxima hora foram:

— Vamos subir – foi o que Lucas conseguiu dizer.
Ela só conseguiu assentir com a cabeça.

O clima dentro do apartamento dos irmãos realmente não era o melhor, muito longe disso. Depois de passar pelo pior momento de suas vidas, os jovens voltaram e permaneceram em silêncio por um bom tempo. Jéssica, logo que entrou, sentou-se no sofá, abraçou os joelhos e ficou encarando o nada, enquanto chorava silenciosamente. Lucas tentou alcançar a menina, que estava longe nos pensamentos, sentou-se ao seu lado e a abraçou, mas ela não demonstrou reação. Ele se levantou e foi andar pela casa.

Foi até a cozinha pegar um copo d'água. Seu estômago ainda se revirava um pouco e a visão, aquela leve visão que conseguiu ter do corpo da avó, ainda rodava sua mente. Quanto mais ele tentava esquecer, mais a imagem aparecia em seus pensamentos. Quando segurou o copo cheio, percebeu que estava tremendo. Colocou um pouco de açúcar na água para

ver se conseguia ficar mais calmo. Preparou outra da mesma bebida para a irmã, que continuava na mesma posição, muda. Algumas lágrimas ainda caíam, silenciosas, por sua bochecha. Lucas resolveu deixar o copo na mesa de centro da sala e foi para o seu quarto.

Nada funcionava como devia. Ele sentou-se à escrivaninha, na qual apoiou os cotovelos, levando a mão à cabeça e massageando os cabelos um pouco forte demais, quase machucando. Como todas aquelas coisas poderiam estar acontecendo? O que teria causado? Não saber o que se passava era uma das piores sensações que possuía. Ele precisava entender o que estava ocorrendo o mais rápido possível. Levantou-se e foi até a sua bolsa da faculdade. Abriu a mochila e a virou de ponta cabeça, sacudindo-a para que seus pertences caíssem sobre a cama. Pegou um livro grosso, mais parecido com um tomo, com alguns princípios básicos de física, e começou a folhear ali mesmo. Se concentrar era uma tarefa difícil, com todas as lembranças, mas ele se esforçou o máximo que conseguia.

Jéssica levantou o olhar para encarar o copo que seu irmão havia deixado por lá. Viu os últimos grãos de açúcar dançarem lentamente enquanto caíam pela água. A sensação do corpo morno de sua avó

encostando no dela, aqueles olhos vazios, não saiam de sua mente. Foi quando percebeu que seus joelhos, e agora seus braços, ainda estavam manchados com o sangue dela. Olhou em volta e percebeu que a sola de seu tênis também devia estar um pouco suja, pois havia marcas sutis de pegada no chão da sala. Sua mãe ficaria uma fera quando chegasse.

Sua mãe! Seus pais estavam viajando, haviam ido para o interior do estado, em um congresso sobre efeitos medicinais das águas termais. Ambos tinham interesse no assunto, pois ela era médica, e o pai deles, químico, então foram juntos, o que raramente acontecia. Como será que eles estariam? Será que aquela pane teria atingido a pequena cidade onde eles estavam também? Milhares de pensamentos se misturaram às suas lembranças, e sua mente ficou confusa como nunca antes. Olhou pela sacada, e o sol alaranjado a fez achar que a tarde já estava chegando ao fim.

Estendeu o braço para pegar o copo e percebeu, ao pegá-lo, que a tensão em seus músculos estava muito grande. Seu pescoço e ombros estavam começando a doer. Ela sabia que ficar nervosa não iria mudar o que aconteceu, muito menos ajudar, mas não conseguia se livrar daquele sentimento, não conseguia

se livrar das dores. Era desesperador. Sentiu que devia fazer algo enquanto ainda havia luz do dia, pois logo ficariam em um breu completo. Ficou um tempo pensando antes de se levantar com dificuldade.

Quando passou pela porta do quarto do irmão, percebeu a zona que ele havia feito. Havia diversos livros no chão, as portas do armário escancaradas. Enquanto isso, Lucas anotava algumas coisas que achava que poderiam ajudá-lo, mas sua mão tremia enquanto escrevia, fazendo sua letra ficar praticamente ilegível. Sua vontade era de quebrar o lápis, para descontar sua raiva por não achar nada que explicasse a situação. Por mais que não tivesse achado a resposta ainda, não ia parar de procurar. Sua cabeça já começava a doer, assim como sua mão direita, que estava escrevendo freneticamente. Se ele tivesse um celular com internet, tudo seria tão mais fácil! Parou um pouco de ler, com a cabeça doendo, e olhou para a tarde que findava pela janela do quarto. Que horas seriam? Ao se virar para ir em direção à sala, deu de cara com a irmã, que o observava em silêncio. Ambos se olharam, mas não conseguiram dizer nada. Afinal, o que poderiam dizer? Ela olhou para o chão, após encará-lo, e foi até o seu quarto. Ele foi até a sala para

olhar o relógio, mas era evidente que ele não estava funcionando também. Quando se sentou no sofá, ouviu o barulho da água do chuveiro.

Achou estranho sua irmã, que gostava tanto da água quente, tomando banho com o chuveiro desligado. Enfim, o dia ia ficar escuro logo, e ele precisava achar algo que iluminasse a noite, já que esta seria a única coisa a ter alguma luz, aparentemente. Andou até a cozinha, esperando encontrar algumas velas. Olhou todos os armários e gavetas, mas não achou nada. Era o lado ruim de ter luzes potentes no celular para usar de lanterna. O último lugar que ele se lembrava de ter visto uma vela era...

...na casa da avó.

Só o pensamento de ter que voltar lá lhe causou calafrios. Não queria ter que ver aquela cena de novo. Não queria ter que passar por aquele trauma de novo. Mas qual era a opção que ele tinha? Invadir outra casa? Que droga! Andou de volta à sala, mas parou em frente à porta. Não queria sair, por mais que precisasse. Apertava os punhos de raiva, pronto para bater em alguma coisa, mas não queria se machucar mais ainda.

— Lucas? – ouviu a voz da irmã o chamando atrás dele. Virou a cabeça, olhando-a de lado, e ela percebeu

que o irmão estava começando a chorar novamente –
O que... é...

— Está tudo bem, Jé – ambos sabiam que não estava – Você está melhor?

— Bem, não... – era realmente difícil, mas ela parecia mais preocupada do que triste, no momento. Seus olhares quase nunca se encontravam mais. Enquanto ele olhava para a porta, ela olhava para o chão – Para onde você vai?

— Vou descer de novo – a voz dele fraquejava, mas ele precisava criar coragem. De onde, porém? – Preciso arranjar algumas velas para passarmos a noite.

— Você vai lá de novo? – Jéssica não acreditava no que o irmão estava dizendo, e ela começou a chorar de novo – Se você for, eu vou com você...

— Não! – a rigidez na voz de Lucas fez a irmã se assustar. Ele se arrependeu segundos depois de ter gritado – Olha, eu não quero que você passe por isso de novo. Eu vou, e não vou demorar para voltar, eu prometo. Enquanto isso você espera aqui, por favor.

— Mas... – o rapaz olhou para ela novamente e finalmente seus olhares se encontraram. Ela entendeu que ele queria ir sozinho não só para evitar que ela sofresse, mas também para que ele pudesse acreditar

na situação e encarar os problemas – Você sabe que não tem que fazer isso sozinho, não é?

— Tem muita coisa que eu não sei mais, Jé – a mão direita dele se estendeu e tocou a maçaneta, enquanto a dela tocou sua outra mão. Ele olhou nos olhos da irmã e eles inspiravam coragem e confiança, mas também demonstravam preocupação e medo. Ela o abraçou com força, e ele a segurou com o braço esquerdo – Eu volto logo, não se preocupe.

Quando o rapaz saiu do apartamento, Jéssica fechou a porta e encostou a cabeça nela. Com a morte da avó e a incerteza do bem-estar de seus pais, o irmão parecia ser a única família que ela tinha, coisa que ela não queria ficar pensando, pois ainda acreditava que a situação poderia mudar, mas não conseguia tirar da mente. Continuar juntos, não importa o que aconteça. Essa foi a promessa que fez enquanto as lágrimas escorregavam, novamente, pelas bochechas. Era por esses motivos que falar “não se preocupe” não iria tirar a preocupação dela.

A chave do apartamento ainda estava na fechadura. Aquele momento parecia o mais importante da vida dele, e por isso suave, tremia, tinha medo. Mas

ele precisava entrar, e não era simplesmente para pegar as velas. Ele precisava entrar para enfrentar seus medos, por mais que eles fossem irreversíveis.

A mão tocou a maçaneta gelada. Um calafrio subiu sua espinha, mas ele não recuou. Fechou os olhos, respirou fundo. Ele sabia onde o corpo estava, e sabia que não poderia evitá-lo. Apertou o punho que segurava a maçaneta e, em um movimento rápido, abriu a porta e entrou.

Quase no mesmo instante, o cheiro de carniça invadiu o seu nariz. Ele sentiu que ia vomitar novamente, mas se conteve. Respirou fundo pela boca, e continuou respirando apenas por ela, para que não sentisse mais o cheiro. Ele fechou a porta atrás de si e abriu os olhos. A primeira coisa que chamou sua atenção é que o céu já estava mais alaranjado. Não teria muito tempo de luz, e alguns cômodos da casa já deviam estar mais escuros, como a cozinha. Precisava ser rápido.

Andou com passos lentos até a sacada da sala e a abriu, para que o ar circulasse e o cheiro melhorasse. Respirou fundo. Seu olhar o tentava para a cozinha e, mesmo que ele não quisesse, precisaria olhar alguma hora. A entrada estava logo ao seu lado e ele precisava

ir até lá. E foi. E a primeira coisa que viu foi o corpo. Seu estômago, porém, se comportou. Mas a visão continuava assustadora.

O cadáver continuava no mesmo lugar em que haviam encontrado, ao lado da mesa onde tantas vezes comeram. Lucas deu a volta pelo outro lado do móvel e começou a procurar nas gavetas. Suas mãos tremiam, seus pensamentos o traíam a cada segundo. A imagem da avó não saía da mente de jeito nenhum. Os medos assolavam o menino, desde os comuns até os sobrenaturais. E se alguém entrasse ali e achasse que ele a teria matado? E se o corpo levantasse e tentasse atacá-lo? Que merda! Era óbvio que tais coisas jamais aconteceriam, mas ele continuava com medo.

Procurou em todas as gavetas, mas não encontrou nada além de talheres e utensílios culinários. Ele fechou os olhos e tentou lembrar onde a avó guardava as velas que usava para realizar suas preces. Segundo ela, Lucas só passou no vestibular pois ela rezou todos os dias nos quais ele estava fazendo prova. Sempre pareceu bobagem para o menino, mas a lembrança lhe causava dores agora.

Ele não conseguia lembrar, estava nervoso demais. Mordia o lábio inferior, resistindo o máximo

para não olhar para a avó. Percebeu que havia uma toalha de mesa na bancada a sua frente. Pensou que cobrir o corpo o faria melhor, como uma forma de velá-lo, talvez. Pegou a toalha e a desdobrou um pouco, até ficar no tamanho ideal. Ao se virar, parou por um tempo. Seria adequado, mesmo sendo ateu, que ele rezasse em homenagem à avó? Por mais que quisesse, não lembrava nenhuma prece. Estendeu a toalha sobre o corpo e ela foi caindo lentamente, enquanto ele se agachava, até se posicionar onde deveria. Suas pontas logo sugaram o sangue que havia em volta que, apesar de um pouco mais viscoso, ainda estava líquido.

Ainda perto do chão, percebeu coisas que não havia visto da última vez. A primeira delas foi que o telefone sem fio da avó estava no chão, ao lado da mão dela. Ele o pegou com as pontas dos dedos, pois ele estava sujo de sangue, e o limpou com uma parte da toalha. Quando conseguiu ver o visor, levou a mão à cabeça, caindo sentado no chão, e começou a chorar. Ele mostrava que a avó havia digitado o número de seu celular pela metade. Se ela tivesse um pouco mais de tempo, eles poderiam tê-la ajudado. Foi por tão pouco! O sentimento de culpa o tomou.

— Me desculpa... — a voz falhava em meio as lágrimas — Me desculpa, vó. Me desculpa, por favor! Por que a senhora não teve mais tempo? Que droga! Só mais cinco minutos, caramba! Era pedir demais?! Me desculpa, eu queria ter ajudado a senhora! Me desculpa por todas as vezes que eu fui mal-educado com a senhora, me desculpa por não comer direito, por deixar você preocupada! Me desculpa por não ter mais como salvar a senhora! Me desculpa por todos os abraços que eu não te dei! Eu queria só mais uma chance para dizer o quanto eu amo a senhora, e o quanto você vai fazer falta! Por que você teve que ir? Que droga! Por quê?!

O rapaz ficou de joelhos, de forma a ficar mais perto do corpo da avó. Suas lágrimas deixavam um traço molhado em suas bochechas. Por mais que seu corpo não obedecesse, ele não podia ficar ali parado. Ele estava ficando sem tempo de luz, e precisava voltar para a irmã. Ele tentou conter um pouco o choro, limpando o rosto com as costas da mão. Ao apoiar a mão esquerda na quina da mesa, percebeu que a havia sujado. Ao olhá-la, viu o vermelho do sangue.

Olhou de volta para a mesa e percebeu que havia um pouco de sangue nela também. Sua mente

começou a criar diversas teorias sobre o que poderia ter acontecido, o que só fritava mais ainda seu cérebro. Provavelmente sua avó devia ter começado a passar mal por conta do calor enquanto estava deitada no quarto, onde achou a cama desarrumada. Ela devia ter ido até a cozinha pegar o telefone, que estaria ali pois ela gostava de conversar com suas amigas enquanto cozinhava. Antes que conseguisse digitar o número, ela teria desmaiado e batido a cabeça na quina da mesa e no chão, onde agora estava. Todos esses pensamentos voavam na mente do rapaz enquanto ele, parado, não via o tempo voar.

Quando percebeu, a luz já estava quase acabando. Precisava ir rápido. Precisava focar nas necessidades. Começou a procurar nos armários onde ficavam as comidas. Era uma boa ideia levá-las também, já que precisariam. Pegou uma sacola em uma reserva que sua avó tinha e foi enchendo-a com os produtos mais fáceis de consumir, como bolachas e torradas, deixando aqueles que precisavam de um preparo para trás. Ainda precisava achar as velas.

Deixou a sacola no sofá da sala e foi ao banheiro. Obviamente as velas não estariam lá, mas sua avó tinha uma infinidade de medicamentos.

Pegou principalmente analgésicos e calmantes, uma pomada para queimaduras, algodão e gaze, que sua avó usava para fazer curativos quando alguma ferida aparecia em sua pele. Colocou tudo em uma outra sacola e deixou novamente no sofá.

Finalmente, foi ao quarto da avó. Entrar naquele cômodo, sabendo que ela nunca mais estaria ali, era muito difícil, mas ele precisava se concentrar. Procurou as velas no armário de roupas, mas, ao prestar atenção, percebeu que havia metade de uma vela sobre um prato, que estava no criado-mudo, ao lado da cama. Abriu a gaveta do móvel e encontrou dois pacotes com seis velas, estando um pela metade, e outra vela grossa, de sete dias. Achou que aquilo daria para passar a noite, pois tinha esperança que no outro dia a energia voltasse a funcionar. Voltou à sala e colocou tudo na sacola de remédios. Fechou a sacada e se dirigiu a porta. Antes de sair, falou em voz alta:

— Adeus, vovó – uma última gota escorreu pelo lado direito do rosto – Prometo que vou cuidar da Jéssica, e vou ficar bem. Não se preocupe. Eu te amo!

O rapaz saiu do apartamento e trancou a porta atrás de si. Olhou para a chave em sua mão e pensou em jogá-la longe, mas apenas a guardou no bolso. Levantou

o olhar. O corredor estava escuro, mas ele não tinha mais medo de andar nas trevas. Ele já tinha aceitado que estava caindo nelas, e seria difícil sair. Um pouco de sua sanidade havia se perdido naquele dia. Alguma coisa o dizia que não voltaria mais ali, que talvez seus pais até decidissem se mudar e, toda vez que passasse perto daquele prédio, seu coração ia apertar com a lembrança. Ou talvez ele nunca deixasse de ficar apertado.

Ao entrar no apartamento, deu de cara com a irmã, que estava sentada no sofá, esperando-o. Quando ela o viu, foi correndo em sua direção e o abraçou.

— Seu idiota! – a menina estava quase chorando de novo – Você disse que não iria demorar!

— Mas eu não demorei tanto – quando percebeu que a única luz que iluminava o ambiente era a luz da lua, reconheceu quanto tempo havia passado – Certo, talvez eu tenha demorado um pouco.

— Um pouco? Passou quase uma hora – Jéssica não tinha noção de quanto tempo tinha passado, mas parecia que tinha sido todo esse tempo, para ela – Afinal, como foi?

— Consegui um pouco de comida, remédios e as velas que fui pegar – Jéssica não esperava essa resposta,

ela via que o rosto do irmão estava inchado, percebeu que sua voz estava fraca, sem vida – Aliás, é melhor acendermos pelo menos uma aqui na sala e prepararmos alguma coisa para comer.

— Certo – a menina, que passou o tempo todo preocupada, só agora percebeu que estava com fome – Será que o fogão está funcionando?

— Provavelmente, mas vamos precisar de fósforos para acendê-lo – o rapaz foi se dirigindo à cozinha, deixou a sacola de remédios com a irmã, para que ela guardasse, e deixou a outra na cozinha. Abriu o armário e achou os fósforos. Ele não fazia ideia de como ele faria para acender o fogão – Jé, você sabe acender isso né?

— Você é um físico que não sabe acender um fogão? – em outra situação, aquilo teria sido engraçado para a irmã, mas ela havia dito sem pensar, e sabia que não era o momento certo – Desculpa. Eu sei sim, deixa que eu faço isso.

— Tudo bem – o rapaz se sentiu um pouco envergonhado. Agora que não tinha mais a avó, o que ainda era uma dor constante, ele precisaria cuidar da irmã até seus pais chegarem. Se chegassem... – Você quer comer o quê?

— Qualquer coisa, mas deixa que eu faço isso – ela o olhou. Seu irmão parecia perdido nos pensamentos, mas ela também estava. Acendeu uma das bocas do fogão com o fósforo, pegou a vela de sete dias e aproveitou a chama para acendê-la também – Aqui. Leva essa pra sala. Eu vou ficar com uma menor.

Em silêncio, o rapaz obedeceu. Ele queria ajudar, mas realmente não passava tempo o suficiente em casa para saber como são feitas coisas simples como essa. Lucas se sentia impotente, culpado, além de todos os outros sentimentos que ele já possuía. Sem dúvida, aquele dia ficaria marcado como o pior dia da vida dos irmãos.

A comida não demorou muito para ficar pronta, mas, mesmo que tivesse, nenhum dos dois parecia se importar com o tempo, já que ele passava tão indiferente, discreto. A menina levou um prato de macarrão instantâneo para ele, enquanto carregava um para si também. Jéssica se sentou do lado de Lucas e ambos começaram a comer em silêncio. A chama da vela dançava, fazendo as sombras seguirem a dança.

— Você sabe o que fazer? – a menina perguntou.

— Não. Tem pouca coisa que eu sei agora – seu olhar se centrava na chama da vela – Você tem alguma ideia?

— Eu acho que não tem muito que fazer – ambos estavam notoriamente tristes, fracos, física e mentalmente – Acho que só nos resta esperar.

E foi o que fizeram, afinal. Após terminarem de comer, cada um lavou seu prato, algo que parecia mecânico, aliás. Lucas foi até o seu quarto, onde simplesmente ignorou toda a bagunça que tinha feito, todos os livros, e simplesmente deitou em sua cama. Jéssica foi até a sacada do prédio. O ar continuava quente, mas não tanto quanto antes. A cidade, contudo, parecia pior. Olhando de cima, a menina percebeu algumas coisas. Lojas haviam sido saqueadas, queimadas, destruídas. Carros já haviam pegado fogo, e agora restavam apenas as carcaças. Havia poucas pessoas na rua, sem falar que, aquelas que andavam no meio da noite, pareciam muito preocupadas. Para quem estava lá fora, tudo que já era um caos à tarde, ficou muito pior sem luz alguma.

Os irmãos passaram horas tentando se distrair, mas nada parecia melhorar o clima. Quando a noite já parecia muito mais densa, resolveram dormir, tarefa que já sabiam que seria difícil. Ambos resolveram repousar no quarto dos pais, para ficarem mais perto, caso alguma coisa acontecesse. Lucas levou o colchão

de sua cama e o colocou aos pés da cama de casal onde Jéssica ia dormir.

— Se precisar de alguma coisa, pode me chamar, viu? – disse o menino, enquanto se cobria com uma manta fina – Mesmo se eu estiver dormindo. Não tem problema, você sabe, né?

— Sei sim – a menina também estava se deitando. Sentir o cheiro dos pais nos travesseiros era bastante reconfortante. Ela adorava dormir naquela cama, pois sempre parecia que seu sono era melhor nela – Você pode me chamar também, viu?

— Pode deixar – o quarto escuro onde conversavam resumia o clima em que estavam – Boa noite.

— Boa noite.

Mesmo que não pudessem ver um ao outro, a sensação de dormir em um mesmo quarto novamente, como faziam quando eram menores, era nostálgica. Ambos ficaram olhando para o teto por um bom tempo, sem sono. Afinal, não sabiam realmente se estava na hora de dormir. Havia uma hora, afinal?

Algum tempo depois, Lucas percebeu que a irmã havia dormido, o que o fez sentir-se um pouco mais aliviado. Pelo menos ela conseguiria dormir, mesmo que fosse por ter perdido a batalha contra o cansaço. Ele,

contudo, estava acostumado a ficar acordado até mais tarde, estudando. O que naquela situação era desvantajoso.

Ou ele achou que seria.

Enquanto pensava que já deveria ser madrugada, começou a ouvir barulhos pelo prédio. De início, não deu muita importância, afinal, mais pessoas moravam por ali. Mas, ao perceber que os ruídos só aumentavam, tanto em quantidade, quanto em volume, ficou apreensivo. O que estaria acontecendo? Será que alguém conseguiu fazer contato com as autoridades, e essas pessoas estavam lá para salvá-los? Ou seria justamente o contrário? Por prevenção, decidiu aceitar a segunda hipótese.

— Jéssica, acorda! – mesmo que tivesse falado baixo, no silêncio da madrugada, todos podem te ouvir. Como não obtive resposta, levantou e foi tentar acordar a irmã, balançando-a de um lado para o outro, um pouco desesperado – Jéssica, acorda logo! Acho que tem alguém aqui.

A menina, que havia virado apenas parte do corpo para o irmão, abriu os olhos assustada. Tirou a coberta de cima de si mesma e sentou-se na beirada da cama, para pôr o tênis. Seu pé ainda ardia um pouco por conta da bolha.

— Você tem certeza que tem alguém aqui? – ao perguntar isso, o irmão pediu para que ela ficasse quieta, então ela pôde ouvir – Mas e se for alguém querendo nos ajudar?

— Pensei nisso também, mas não podemos arriscar – ambos falavam o mais baixo possível, enquanto o barulho só aumentava. Ele ficou mais nítido conforme foi se aproximando. As pessoas, sejam lá quem fossem, estavam arrombando as portas das casas, fazendo uma confusão – Vamos nos esconder, se eles conseguirem entrar aqui, nós podemos tentar sair sem sermos vistos.

Ela assentiu com a cabeça. Ambos faziam o mínimo de barulho, só era possível ouvir suas respirações pesadas, tensas. Ouviram o barulho dos andares abaixo, alguém havia gritado. Ouviram duas batidas fortes, depois o silêncio, novamente. Apesar do susto, se dirigiram à cozinha, onde parecia mais fácil de escapar, pensando em uma lógica de que os assaltantes iriam aos quartos primeiro. Mas quantos seriam? Eles conseguiriam escapar de uma gangue inteira? Depois de algum tempo, e algumas portas abertas, ouviram um deles dizer:

— Caralho, chefe – eles realmente não se importavam com o barulho que estavam fazendo – Tem um corpo nesse apartamento aqui!

— Tem um o quê? – respondeu aquele que parecia ser o chefe – Porra, e você quer que eu faça o quê? Pega o que for de valor aí e vamos continuar subindo. E lembrem-se do que nos disseram, comida e bebida são as coisas de maior valor de agora em diante.

Ao ouvir isso, o rosto de Lucas ficou completamente vermelho, a raiva fazia seu sangue borbulhar. Quando a irmã percebeu, o segurou pelo braço, olhando-o como quem sabia o que ele queria fazer. Ambos se encararam por um tempo, o que fez com que o rapaz conseguisse se controlar, apesar de ainda ter raiva. As pernas dos dois já começavam a doer de ficarem agachados, e suas barrigas se reviravam, ansiosas. Lucas andou um pouco e foi até o armário embaixo da pia. Lembrou que era ali onde ficavam as panelas e frigideiras. Pegou a que parecia maior e mais resistente, afinal, precisavam se proteger de alguma maneira.

O grupo de invasores estava mais perto agora, provavelmente no andar de baixo, e não demoraria muito para que chegassem ali. Os irmãos, agachados na cozinha, estavam tensos. Jéssica olhou para o irmão, que

segurava a frigideira favorita de sua mãe, e tentava pensar no melhor possível. Foi quando teve uma ideia que poderia funcionar muito bem. Levantou-se apressada, apesar das pernas doerem um pouco. Seu irmão tentou chamá-la de volta, mas apenas um olhar foi necessário para ela mostrar que sabia o que estava fazendo.

Ela circundou a mesa e foi ao balcão onde havia feito a janta dos dois. Ainda estava lá a sacola de comida que Lucas havia trazido da casa da avó. Ela a pegou, junto com algumas outras coisas por perto, como frutas, e saiu da cozinha. Os passos pareciam mais perto, estavam subindo as escadas. Ela se apressou até o quarto onde estavam dormindo. Deixou a sacola no chão, enquanto empurrou o colchão do irmão para o lado esquerdo da cama, e jogou as cobertas com que tinha dormido por lá também. Não havia tempo para arrumar as camas, mas, dessa forma, se alguém entrasse no quarto, não viria que alguém estava dormindo ali há pouco tempo. Ela deixou a sacola em cima da cama e voltou correndo, o mais silenciosamente possível, para a cozinha.

Quando chegou à sala, porém, ouviu uma batida na porta. Seu coração parou por um instante, assustada. Lucas tentou chamar a irmã, mas ela não se movia. Seu

olhar estava voltado para a maçaneta da porta, que se movia freneticamente, sendo forçada. Outra batida. O segundo barulho fez com que ela acordasse do transe. Ela olhou em volta, assustada, não sabia o que fazer. Seu corpo tremia, as mãos agitadas pareciam querer pegar algo para se defender. A menina olhou para a mesa de centro da sala, e viu a vela que haviam deixado lá. Em um instante, ela se lembrou do que precisava fazer. Outra batida na porta, e a fechadura já começava a fraquejar. Outra daquelas e a porta viria abaixo. Apagou a vela e se virou para voltar para junto do irmão, que a olhava com medo. Ele levantou um pouco, enquanto Jéssica caminhava na direção dele, para que conseguisse puxar a menina para baixo. Apesar do movimento brusco, eles se juntaram sem fazer muito barulho. Lucas tapou a boca da irmã com a mão, e ela fez o mesmo.

A porta se abriu violentamente. A luz da lua iluminava uma sala de estar vazia. Um homem entrou, e os irmãos, nervosos, apenas ouviam seus passos calmos. Estavam rezando para que ele não fosse à cozinha.

— Aí, Cabeça Oca! – alguém de fora parecia chamá-lo – Toma cuidado nessa casa aí, acho que alguém já entrou antes da gente. Olha as pegadas no chão.

— Caralho, chefe! Isso aqui é sangue? – houve silêncio por um tempo, antes que voltassem a conversar – É sangue sim!

— Verifica os quartos e o banheiro primeiro. Seja quem for, deve estar lá – o chefe parecia estar na entrada do apartamento, de acordo com sua voz. Apesar de não estarem falando muito alto, não havia nenhum outro som que pudesse atrapalhá-los, então sua conversa era claramente audível.

— Pode deixar, chefe – o segundo homem começou a andar, agora com mais cautela. Abriu a porta do banheiro primeiro, mas ficou em silêncio. Uma a uma, as portas foram sendo abertas. O suor escorria pelo rosto de Lucas, pois ele sabia que teria que tomar alguma iniciativa. Depois de pouco tempo, aquele que havia entrado disse:

— Caralho, chefia! – sua voz parecia animada – Vem ver o que eu achei aqui!

Ouviram o segundo homem entrando no apartamento também, em passos apressados, indo diretamente ao último quarto. Lucas olhou para irmã, que sorria satisfeita e aliviada. Era a chance que tinham, e não podiam desperdiçar. Começaram a se mover lentamente, enquanto ouviam a conversa dos dois:

— Olha só quanta comida tem aqui! E tudo prontinho para comer! – falava o que tinha entrado primeiro – Demos uma sorte grande, hein?

— Pois é, mas isso não parece ser muita sorte, não – os irmãos ouviram os passos do chefe vindo na direção deles, e foram obrigados a andar um pouco mais rápido – Tem mais alguém aqui, Cabeça Oca!

Quando ele chegou à sala, porém, não havia mais ninguém lá. Apenas conseguiu ouvir duas pessoas apressadas descendo as escadas. Lucas e Jéssica estavam ofegantes, mesmo que não estivessem nem na metade do caminho. Suas pernas tremiam, de dor e de medo, o que dificultava os passos, mas eles conseguiram escapar.

— Quer que eu vá atrás deles, chefe? – o segundo perguntou, ao chegar à sala.

— Não precisa, Cabeça – ele disse – o Boleta está lá embaixo. Vamos continuar subindo, já conseguimos o que viemos buscar.

A maior concentração dos irmãos era em não cair na escada. Realmente, dez andares eram muita coisa para descer correndo, mas chegaram ao térreo no que parecia menos de um minuto. Ao abrirem a porta do

andar térreo, contudo, perceberem que alguém guardava a entrada. Conseguiram ver as costas do indivíduo, aparentemente acima do peso, segurando um taco de beisebol, olhando os arredores. Ele não parecia apreensivo, até estava assobiando, mas os irmãos tinham que tomar cuidado do mesmo jeito.

Lucas olhou para a irmã, e falou com ela apenas mexendo os lábios e fazendo gestos. Pediu para que ela se escondesse atrás da mesa da portaria, que ficava à direita da entrada. Ela olhou para o irmão indicando que tinha outra ideia. Apontou para a parte de trás da porta, para que ele fosse se esconder lá. Ela gesticulou que falaria com o homem para atrair sua atenção, e então ele o acertaria com a frigideira na cabeça. Lucas achava que ela estava louca. Ela convenceu o irmão que não tinham nenhuma outra opção.

Ele se dirigiu o mais silenciosamente possível para se esconder atrás da porta aberta. Jéssica tentava planejar um jeito de não ficar óbvio que estava atraindo o homem para uma armadilha. Estava tensa, assim como Lucas. Ele não queria ter que machucar ninguém para passar por ali. Tudo aquilo estava muito errado.

Jéssica levantou e voltou alguns passos para a porta da escadaria. Ela passou para o outro lado,

fechando a porta, e em seguida abrindo-a violentamente, como se estivesse correndo com pressa. Cada passo que deu pareceu exagerado, um pouco barulhento demais. Ao perceber que o homem que estava de guarda estava começando a virar, freou bruscamente e o encarou.

— Ora, ora, tentando escapar? – ele foi andando lentamente na direção dela, batendo com o taco de beisebol na mão. Cada passo que ele dava para frente, ela dava para trás, realmente assustada – O que foi, o gato comeu a sua língua? Vem aqui, eu prometo que não vou te fazer tão mal.

Alguns passos depois, Jéssica bateu com as costas na parede. Desesperada, não conseguia gritar. Seu plano parecia ótimo antes de encarar aquele homem, mas a situação real era muito mais assustadora. O homem deu mais dois passos e ela ouviu um barulho alto de metal ressoando na recepção.

Lucas o acertou em cheio com a frigideira, que descolou do cabo, caindo no chão e fazendo mais barulho. O homem caiu desmaiado. Jéssica olhou para o irmão, que ofegava, segurando o cabo da frigideira na mão. Por instantes, ela achou que ele a teria abandonado.

Ambos se olharam por um tempo. Não sabiam o que fazer, não sabiam para onde ir. Só sabiam que tinham que sair dali o mais rápido possível. Lucas soltou o cabo que estava segurando e pegou o taco que estava com o homem, torcendo para que ele, de alguma forma, não acordasse. Por mais que não fosse tão forte, tinha medo de que pudesse tê-lo matado, mas não tinham tempo para pensar nisso por ora. A irmã pegou em sua mão, e ambos correram, saindo do prédio e seguindo o sentido da avenida, porém, sem rumo.

Depois de um tempo correndo, após mudarem de rota várias vezes, andando metros e mais metros, ambos pararam em uma viela um pouco menos escura, longe de tudo e de todos. Estavam longe, também, no pensamento. Lucas apoiou uma das mãos na parede, soltando o taco de beisebol, enquanto segurava a barriga com a outra. Jéssica recostou em um muro da viela, no lado contrário do irmão, e escorregou até o chão. Ambos ofegavam, sem ar. O suor gelado de seus corpos os faziam sentir um pouco de frio, apesar da noite estar quente.

Depois de alguns minutos parados e em silêncio, Lucas se sentou do lado da irmã, que olhava para o céu,

como se ele fosse dar alguma resposta. Ela segurou sua mão com força, e ele retribuiu.

— O que vamos fazer agora? – Lucas perguntou. Ele sentia seu corpo mais fraco e estava pálido. Olhou para a irmã, procurando resposta.

— Eu não sei – ela também estava visivelmente cansada, parecia lutar contra o sono e o cansaço, com os olhos quase fechando – Eu nem sei onde estamos direito.

— Eu acho que sei – o rapaz se levantou e olhou o nome da viela. Olhou também para a rua, a fim de encontrar alguma localização, um ponto de referência – Acho que estamos perto da minha faculdade. Devo ter seguido o caminho que faço, mecanicamente.

— E você acha que lá pode ter algo que nos ajude? – a menina perguntou, tentando achar um destino para os dois.

— Eu duvido muito – Lucas voltou para junto da irmã, que já havia se levantado, e a encarou – Acho que devemos achar um lugar para descansar, antes de seguirmos viagem.

— Viagem para onde, Lucas? – a menina estava confusa, tentando assimilar o que o irmão estava pensando.

— Eu não sei, mas não podemos ficar aqui – a falta de respostas corroía o jovem. Ele andou para onde

havia deixado o taco, e o pegou – Que horas você acha que são?

— Deve ser uma três da manhã – apesar de não haver indicação alguma, a passagem do tempo para a irmã parecia ter sido aquela – Vamos ter só mais um tempo de noite, então poderemos andar com luz.

— Sim, então vamos poder decidir para onde ir amanhã pela manhã – mesmo que falasse isso, Lucas sabia que passaria todo esse tempo pensando em onde ir.

— Acho melhor ficarmos aqui mesmo, então – Lucas não discordou da decisão da irmã – Não temos muita escolha.

Ambos se sentaram encostados à parede, um do lado do outro. Jéssica apoiou sua cabeça no ombro do irmão, enquanto ele se apoiou na cabeça dela. Já haviam dormido assim em viagens longas de carro e, apesar de não gostarem de ficar tão perto, a situação tornava essa a melhor maneira de descansar. Ele segurou a mão direita dela com a sua esquerda, e ambos fizeram força o suficiente para saber que ainda estavam vivos, e bem. Apesar de tudo que já tinham passado, ainda tinham um ao outro. E esperavam que isso não mudasse.

Pouco a pouco, Lucas sentiu a mão da irmã ficando mais fraca e ela dormiu, algum tempo depois. Ele ficou acordado, contudo, por mais um tempo. Além da imagem da avó, que ainda assombrava seus pensamentos, agora pensava no homem que tinha atacado. Se sentia mal por tê-lo acertado por trás, covardemente. Mas desde quando ele teve coragem para enfrentar alguém face a face? Se tivesse sido uma briga justa, ele teria perdido, com certeza, o que o deixava pior ainda. Como ele protegeria a irmã sendo fraco assim? As lágrimas começaram a cair por seu rosto, mas ele não queria se emocionar muito, com medo de acordar a irmã.

Além disso, e se o homem que atacou tivesse morrido? Agora Lucas seria só mais um assassino. Mas o que poderia ter feito? Aquela foi a melhor opção, a mais segura, talvez não a única, contudo. Ele sentiu a mão da irmã apertá-lo com mais força. Já havia se passado algum tempo, e ela acordou, levantando o olhar para o irmão, que já estava com olheiras.

— Você devia dormir um pouco – ela disse, olhando-o nos olhos – Daqui a pouco sairemos, é melhor você descansar enquanto temos tempo. Não precisa se preocupar, eu fico acordada.

Ele assentiu com a cabeça. A irmã esticou as pernas e ele se deitou no colo dela, olhando diretamente para o céu. Ela, mesmo depois de tudo, ainda sorria para o irmão. Mesmo não sabendo o que se passava na cabeça dele, entendia que ele não estava bem. E era ela que queria cuidar do irmão, depois de muito tempo acontecendo o contrário. Depois de alguns minutos fazendo massagem em seu cabelo, Lucas dormiu. Por mais que estivesse sozinha, no escuro, Jéssica sabia que não poderia ter medo. Ela teria que esperar apenas mais algum tempo até que o sol saísse.

Em todo tempo que ficou quieta, enquanto o irmão dormia, se perguntou onde ambos poderiam ir, depois dali. Pensou em diversas coisas. Eles poderiam voltar para a própria casa, mas teve medo de não saber como chegar lá, ou de aquelas pessoas ainda estarem por lá, então desistiu da ideia. Tentou lembrar de algum parente que morasse na cidade, mas só conseguiu pensar na avó, o que era torturante. Não havia ninguém para quem eles pudessem pedir ajuda. Quanto aos amigos da escola, ou da faculdade do irmão? Ela duvida que eles ajudariam, egoístas que ela sentia que eram. Ela nunca soube a sensação de ter um amigo de verdade.

Pensou em ir atrás dos pais, na pequena cidade que eles estavam, no interior do estado. Talvez eles ainda estivessem bem, não é mesmo?

Mas, pensando bem, ela não sabia como chegar lá. As placas não iriam indicar, devido ao tamanho da cidade, e era muito longe. A família já havia ido para lá em um período de férias, quando aquele lugar fica mais frio que os outros. Talvez Lucas soubesse como chegar lá. Como o dia já estava amanhecendo e a luz do sol já podia ser vista, ela resolveu acordar o irmão. Passou a mão no cabelo dele, devagar, para não o assustar. Não funcionou muito bem, pois ele acordou agitado, levantando bruscamente. Sua visão ficou escura por uns segundos, antes de conseguir olhar em volta e perceber que estava tudo bem.

— Bom dia – ela disse ao irmão, sorrindo, antes de se levantar e perceber que a circulação do sangue em sua perna não estava muito boa – Conseguiu descansar um pouco?

— Bem pouco, mas consegui – ele esfregava os olhos com as mãos, enquanto ficava de pé. Sentiu o estômago vazio reclamando, e percebeu que não estava muito disposto – Precisamos achar alguma coisa para comer antes de irmos para... para onde vamos mesmo?

— Eu pensei em uma coisa, mas não sei se você acha uma boa ideia – Jéssica também se levantava, enquanto tentava fazer a circulação na perna, que formigava, voltar ao normal – Pensei em ir para a cidade onde nossos pais estão.

— Aquela no interior do estado? – ele perguntou, e ela assentiu – Tudo bem, acho que sei como chegar lá.

— Sério? Como? – ela parecia não ter esperanças naquela ideia, tamanha que foi sua surpresa.

— Antes deles saírem, pesquisei um caminho diferente para o papai e a mamãe fazerem – mesmo que não se lembrasse muito bem, ele sabia por onde teriam que sair da cidade – Eles pegaram um caminho que passa por algumas cidades, não é direto na rodovia.

— Por que eles fizeram isso? – ela perguntou e o irmão deu de ombros – Bem, acho que não importa agora. Se você sabe por onde ir, vamos. No caminho tentamos achar alguma coisa para comer.

E na primeira luz do amanhecer, Jéssica e Lucas saíram do beco onde haviam dormido e começaram a andar, meio sem rumo. A cidade, contudo, já não parecia a mesma. Eles nunca a tinham visto tão deserta, tão morta. Seus passos eram os únicos que faziam barulho por onde passavam.

— Onde está todo mundo? – Jéssica perguntou, enquanto seu olhar procurava nas redondezas algum lugar para encontrar comida.

— A maioria deve estar morta – Lucas respondeu, seco. Além de assustar a irmã, fez com que ela percebesse toda a situação que ela já havia antecipado.

Por mais que tivessem ignorado, por todo o caminho que já haviam percorrido, ambos viram pessoas jogadas nas ruas e calçadas, que estavam com o mesmo olhar que sua avó depois de morrer. Jéssica percebeu que a situação era realmente aquela, haviam realmente corpos por onde passavam, mesmo que em número menor do que no centro da cidade. Quantas pessoas teriam sofrido esse fim trágico? Quantos mais estavam lutando para sobreviver? Como tudo aconteceu em tão pouco tempo?

A realidade chocou a menina de tal forma que por um instante ela parou de andar. Lucas percebeu um tempo depois e se virou para ela. Ele também sofria com os mesmos pensamentos, talvez até mais do que a irmã, mas seu orgulho o impedia de demonstrar. Ele voltou uns passos para junto dela, que se acalmou com o tempo. Afinal, não havia nada que pudessem

fazer além de se cuidarem e continuarem seguindo o caminho tortuoso que possuíam.

Depois de algum tempo andando acharam um supermercado e, sem surpresa alguma, perceberam que suas prateleiras estavam completamente vazias. Além disso, encontraram alguns corpos também, a maioria com uniformes do próprio estabelecimento, mortos, provavelmente, com socos e chutes, ou talvez pior, devido aos seus ferimentos.

— Como é que alguém consegue fazer uma coisa dessa? – Jéssica perguntava, indignada. Não entrava em sua mente como as pessoas poderiam ser tão violentas em um momento de desespero – Será que eles não percebem que as pessoas só estavam tentando fazer seu trabalho? Que todos poderiam ter se ajudado?

— Claro que não – o irmão falava com uma voz fraca, assim como todo seu corpo – Por mais revoltante que seja, teremos que agir como eles agiram aqui. Temos que pensar em nós mesmos, antes de pensar nos outros, por mais egoísta que isso seja. É horrível, mas precisamos sobreviver também.

— Por que você está falando isso? – Jéssica se afastava do irmão enquanto falava – Você não parece

ser o mesmo, Lucas! A gente ainda vai conseguir encontrar nossos pais, vai ficar tudo bem!

— Não! Não vai ficar tudo bem, Jéssica! Sabe por quê? Porque nossa vó morreu e a gente não pode fazer nada. Porque a gente está morrendo de fome e não pode fazer nada. Porque nossos pais estão a quilômetros da gente, se é que eles estão vivos, e a gente não pode fazer absolutamente nada! – durante sua fúria, Lucas viu o rosto em pânico da irmã, que começava a chorar e a tremer. Ficou com mais raiva por só estar piorando a situação. O estresse estava consumindo o rapaz e ele não sabia o que fazer. Parecia que o mundo estava sobre seus ombros, e agora esse mesmo mundo estava chorando com medo dele – Olha, Jé. Me desculpa. Eu não queria ter falado assim com você. É que... tudo está tão difícil. Me desculpa.

— Você está certo... – a menina se acalmou e tentou se aproximar do irmão. Ao chegar perto, percebeu que ele estava mais pálido ainda – Lucas, precisamos achar alguma coisa para você comer.

Jéssica apoiou o braço do irmão sobre os ombros, apenas por precaução, e eles começaram a andar pelo supermercado. A maioria das prateleiras estava realmente vazia, independente do setor por onde

passavam. Começaram a andar pelo corredor central do recinto, para que pudessem procurar nas prateleiras dos dois lados. Depois de algum tempo, encontraram apenas duas maçãs, que já estavam quase podres, uma lata de feijão cru e uma barra de cereal, que estava caída embaixo de uma prateleira.

Por mais que não fosse a melhor refeição, era o que eles tinham para o momento. Como Lucas estava pior, comeu toda a lata de feijão, a qual teve que abrir às pancadas com seu taco de beisebol e comer com os dedos. Jéssica comeu o resto de alimento que tinha, e não acharam nada para tomar, mas continuaram viagem mesmo assim.

Além da fome e da sede, que não mais os matava, mas incomodava, os irmãos tinham um problema com a temperatura, também. Quanto mais o sol alcançava sua posição mais alta, mais quente ficava. Ambos já estavam andando há um bom tempo no calor, procurando sempre uma sombra para se esconder. Mas logo chegariam na rodovia, onde não havia tanta cobertura natural para protegê-los, e o risco de insolação se tornaria mais real.

Durante todo o caminho, tentaram poupar o máximo de energia possível, evitando até falar, quando

possível, o que tornou a viagem mais longa do que parecia ser.

A rodovia começava dentro da própria cidade. Quanto mais se afastavam do centro, menos pessoas encontravam pelo chão; em consequência, encontravam cada vez mais carros parados. Olhando no horizonte, era possível ver o ar quente subindo do asfalto.

Continuaram andando na direção que o caminho, que agora já havia se tornado uma rodovia, levava. Depois de um bom tempo, o cansaço os abateu e tiveram que parar na beira da estrada, embaixo da primeira árvore que encontraram.

— Minhas pernas estão me matando – Jéssica reclamava, ofegante – Meus pés estão pegando fogo, também. Principalmente o queimado. Você tem noção de quanto falta para gente chegar?

— Olhei umas placas durante o caminho, a próxima cidade não parece estar tão longe – Lucas falava com mais esperança do que certeza – Acho que vamos chegar lá quase no fim da tarde.

Após retomarem a coragem, levantaram devagar e continuaram andando, recebendo novamente a luz do sol em seus corpos. O horizonte da rodovia fica cada vez mais amarelo com a fome que os irmãos

novamente sentiam. Ficaram em um dilema: andar mais rápido e gastar mais energia, ou andar mais devagar e gastar menos? Ambos, desesperados e famintos, optaram pela primeira opção.

E não demorou muito para que pudessem ver os prédios da outra cidade no horizonte. A visão os acalmava e os ansiava ao mesmo tempo, pois estavam com medo. Não sabiam o que iam encontrar lá, nem quem. Teriam que ser muito mais cuidadosos, prestando atenção em tudo e todos. Estariam bem se encontrassem mais comida e um abrigo.

A entrada da cidade parecia com a qual tinham acabado de deixar. O sol poente iluminava de laranja a estrada que a ligava à rodovia. Lucas e Jéssica agora andavam mais devagar, olhando os arredores como se estivessem sendo caçados. Esgueiravam-se por entre os carros para evitar serem vistos por qualquer um que o pudesse fazer. O rapaz ia na frente, seguido de perto pela irmã.

A cidade na qual estavam agora era menor que a deles, mas a quantidade de pessoas mortas parecia a mesma. O choque não era tão grande agora. A primeira coisa que procuraram foi um lugar com comida, e não demoraram muito para achar uma lanchonete que,

apesar de um pouco suja e pequena, ainda parecia ter algumas coisas.

O local parecia mais uma garagem. Sua entrada era uma porta de enrolar que já estava contraída, possibilitando que os dois entrassem facilmente. Olharam em volta antes, como precaução. Lucas olhou nos fundos e atrás do balcão, mas não havia ninguém por ali. Jéssica, que havia ficado na entrada, encontrou em cima do balcão várias embalagens de alimentos, dos quais não se encontrava geralmente em lanchonetes. Ela, contudo, não pensou nisso. Um erro natural.

Lucas voltou para junto da irmã e começaram a comer. Enquanto estavam saciando sua fome, não conseguiram ouvir os passos dos três homens que se aproximavam deles, pelo lado de fora. Quando Jéssica percebeu a sombra de um deles, já era tarde demais.

— Boa tarde, crianças! – a voz rouca do primeiro homem fez com que Jéssica desse um pulo da cadeira e a espinha de Lucas gelasse – Vocês estão perdidos?

Os irmãos olharam o homem, que segurava um pé de cabra já ensanguentado, e seu parceiro, ambos com uma expressão facial não muito agradável. Lucas olhou para Jéssica como se conversassem mentalmente, e os dois sabiam o que fazer. Ele havia

colocado seu taco de beisebol entre as pernas, quando havia sentado. Em um movimento desajeitado, tentou golpear um dos homens. O elemento surpresa fez com que ele tivesse vantagem, e o bastão acertou quase em cheio a cabeça do segundo homem.

Surpreendido, aquele que havia ficado em pé olhou para o parceiro, quase inconsciente, e depois voltou seu olhar para Lucas. Nesse meio tempo, Jéssica pegou a banquetta em que estava sentada e jogou na direção do homem. Aproveitando o momento, ambos correram para trás do balcão para tentar sair pela porta dos fundos. Para sua infelicidade, o terceiro homem estava na cozinha, armado com um soco inglês. Os irmãos foram lentamente dando passos para trás, mas aquele em que Jéssica havia jogado a banquetta já havia se estabilizado e encurralava os dois.

O terceiro homem, mais pesado e mais forte que os outros dois, puxou a menina pelo braço com uma mão e segurou em seu pescoço com a outra, mostrando a face desesperada dela a Lucas. Ela não conseguia falar, e tentava se soltar com sua mão livre, mas não tinha forças o suficiente. Tudo estava perdido agora.

— Larga o taco, rapaz – o primeiro homem ordenou, enquanto o segundo se levantava, com a mão

na cabeça. Lucas jogou o bastão no chão e ergueu as mãos, se rendendo. O primeiro deles as amarrou atrás das costas do jovem e disse – Se você tentar alguma coisa, a menina vai acabar se machucando. Ouviu bem?

Ao virar a cabeça para responder, levou um soco na boca do estômago do homem que havia acertado com o taco. Perdeu o ar por alguns segundos e cuspiu um pouco de saliva misturada com um vômito que segurou. Viu o mesmo homem pegando o bastão do chão e insinuando que poderia bater nele.

— Larga isso aí, mano – disse o primeiro homem, que parecia ser o que mandava no grupo – Se ele não tiver utilidade, depois você pode brincar com ele.

As palavras assustaram o rapaz, que acabava de recuperar o fôlego. Ele e a irmã foram amordaçados e levados à força para fora do estabelecimento. Em qualquer tentativa de se mexer que ambos faziam, eram advertidos verbal ou fisicamente. Andaram por algum tempo, até o centro da cidade, onde encontraram uma cena assustadora.

Cerca de cinquenta pessoas estavam amarradas e amordaçadas, como eles, em um cruzamento de avenidas. Estavam cercados por outras pessoas, homens e mulheres, com as mesmas vestimentas e

características de seus capturadores: roupas escuras, cabelos curtos, armas improvisadas. Só uma figura se diferenciava naquele meio. Era um homem, alto, vestia roupas sociais claras e tinha no rosto uma barba por fazer. Parecia algum tipo de intelectual, não como as outras pessoas ali.

Conforme foram se aproximando, outra pessoa da gangue se aproximou de Lucas e Jéssica para conversar com o primeiro homem.

— E aí? A armadilha deu certo, então? — perguntava num tom de deboche.

— Deu certíssimo! — respondeu o primeiro homem, rindo — Esses dois caíram como patinhos. Eu falei que ia dar certo. Só o idiota aqui que levou uma pancada desse moleque.

— Que vacilo, mano — todos riam, exceto os irmãos. Eles estavam mais preocupados com o que poderia acontecer agora.

Quando foram colocados junto às outras pessoas, de joelhos, perceberam que todas estavam na mesma situação que eles: desesperadas, com medo. E havia pessoas de todas as idades, de crianças a idosos, homens e mulheres. A maioria murmurava alguma coisa, mas não eram claros, por conta da mordança.

Quando todos já estavam em seus postos, ouviu-se um alto assovio, e fez-se o silêncio. Outra pessoa, talvez com um cargo mais alto, começou a falar:

— Senhoras e senhores, peço perdão se algum de vocês foi tratado com truculência – sua fala parecia irônica na situação, mas era difícil dizer – Mas estou aqui para ser o salvador de vocês! Todos aqui, que estão em pé, ontem estavam na mesma situação que vocês. Vocês não precisam ficar aí ajoelhados até o fim da vida. Vocês podem se unir a nós, fazer parte do nosso grupo, que cresce a cada hora. Ontem éramos apenas cinquenta, hoje cedo já éramos mais de cem, e o número só aumenta! Nós temos planos e vamos conseguir sobreviver a esses tempos difíceis, e vocês podem ajudar! Se estiverem interessados, se manifestem, levantem-se. Venham construir um novo mundo conosco!

No começo, todos estavam com muito medo para ter qualquer reação. Uma das pessoas que estava amarrada na frente dos irmãos se levantou, era um homem forte, talvez o mais forte de lá. Ninguém reagiu, além do sorriso no rosto daquele que falava.

— Vejam só, temos nosso primeiro voluntário. E esse é dos grandes! – todos os capangas riram. A pessoa

que havia levantado começou a andar na direção do homem, que estava em sua diagonal esquerda. No meio do caminho, contudo, começou a correr para longe e conseguiu passar por entre dois homens e fugir. Ninguém se moveu, e o que falava olhou para um deles que estava armado. O tiro acertou as costas do rapaz, que caiu no chão, rolando de dor, e assustou todos que estavam presos – Vocês têm essa opção também, caso queiram. Na verdade, são as únicas duas opções que vocês têm!

Enquanto ele falava, Lucas e Jéssica se entreolharam. A menina tremia de medo, enquanto ele tentava se segurar para não perder o controle e sair correndo também. Pouco a pouco, as pessoas começaram a levantar e se juntar àquela gangue. Os irmãos ficaram, contudo. Algumas outras pessoas, a maioria idosos, permaneceram paradas, e seu destino foi o que haviam prometido. Como estavam na frente, os irmãos não viram o que aconteceu, não que eles quisessem. Só ouviam o barulho dos tiros e a comemoração daqueles que há muito tempo já estavam salvos.

Quando chegou a sua vez, Lucas sentiu o metal ainda quente da arma na sua cabeça e levantou o olhar.

— E aí rapaz, o que vai ser? – perguntou aquele que iria matá-lo, caso não fizesse nada. Lucas olhou para a irmã, nos olhos, como se pedisse desculpas, e ela começou a chorar.

Ela não acreditava que ele ia desistir assim tão fácil. Ela tinha que fazer alguma coisa para impedir, e tinha que ser rápido. Os dois eram os únicos que ainda não haviam traçado um destino e o tempo começava a se esgotar. Jéssica estava fraca, e não conseguia gritar por conta da mordaca. Ela ameaçou levantar, mas uma voz a impediu.

— Espere um pouco aí, amigo – o homem de roupa social falou, se aproximando dos irmãos. Ele agachou perto dos dois para poder olhá-los nos olhos. Ele os observou atentamente, e pediu para que levantassem, olhando-os de cima a baixo – Acho que vou levar esses dois comigo. Os corpos deles parecem ser bons para alguns experimentos que quero testar.

— Como quiser, doutor – aquele que fez o discurso disse, não muito feliz com a escolha – Vou mandar meus homens levá-los até seu consultório, junto ao senhor. Ao resto, quero que vocês peguem dois ou três novos integrantes e levem eles para as instalações, e expliquem a eles como funcionam as

coisas. Vamos embora, senhoras e senhores. O show acabou, mas amanhã tem mais.

Jéssica e Lucas se entreolharam, apavorados. O tal doutor não parecia ser uma pessoa amigável, e que tipo de experimentos ele estava falando? O que ele faria com os dois? As dúvidas e o desespero os consumiam a cada passo que davam, sendo escoltados a um futuro que, como todos os outros, era incerto.

A porta se fechou atrás deles quando os guardas que os trouxeram deixaram o lugar. Os irmãos haviam sido amarrados um em cada cadeira, estando à mercê daquele suposto médico. O lugar, contudo, não era um consultório, mas sim um necrotério, que ficava mais macabro, iluminado a luz de velas devido à falta de energia. De onde estavam, os dois conseguiam ver três mesas de autópsia, uma delas com um corpo coberto por um pano branco sujo de sangue.

Eles foram amarrados na sala anterior, uma recepção. O homem que estava com eles foi até uma bancada perto do corpo, pegou seus óculos, limpou, e colocou no rosto. Pegou também um bisturi, e começou a se aproximar dos irmãos, mas ele não

parecia tenso. Estava frio como uma pedra de gelo, seu olhar profundo, aparentemente sem sentimento.

— Me desculpem por isso, vocês dois – o médico passou pelos irmãos, fazendo com que eles não o vissem. Quando ambos acharam, novamente, que não escapariam daquela, sentiram um alívio em seus pulsos. Lucas imediatamente se levantou e virou para encarar o homem, tomando distância – Calma, eu posso explicar tudo o que está acontecendo.

Lucas o olhou com raiva, depois olhou para a irmã, que nem havia levantado ainda. Ela esfregava os pulsos vermelhos e olhava para o médico por cima do ombro.

— Por que você fez isso? – Jéssica perguntou, ainda confusa.

— Eu não vou fazer mal nenhum a vocês, confiem em mim. Meu nome é Cléber e eu acredito que vocês não lembrem de mim – Jéssica e Lucas se entreolharam. O médico puxou uma cadeira para perto de Lucas, virou-a de costas e sentou com as pernas abertas, indicando que o rapaz deveria sentar-se também – Assim que olhei para vocês, reconheci quem eram. Fui um grande amigo da mãe de vocês na faculdade, vocês dois têm os olhos dela. Apesar de seu pai e eu termos algumas desavenças, eu o respeitava bastante.

— Então quer dizer que você conheceu nossos pais? – Jéssica perguntou, ficando irritada com a cara de desconfiança do irmão – Então você vai nos ajudar?

— É claro, mas também quero fazer algumas perguntas para vocês, depois – disse, levantando da cadeira e se dirigindo a outra parte do cômodo, acendendo algumas velas novas.

— E como vamos saber que você não está só brincando com a gente antes de nos usar? – perguntou Lucas, com as sobrancelhas cerradas e olhar fixo no médico – Como vamos confiar em você?

— Eu não sei o que vocês passaram, crianças, mas vocês realmente não têm utilidade para mim – mesmo ajudando os irmãos, Cléber ainda era frio – Sabe os experimentos que eu disse que fazia? Convenci o chefe desse pessoal que seria bom para eles, porque na verdade só estava tratando os feridos. Disse que seria uma forma inovadora, porque não temos mais como realizar cirurgias sem energia, mas é tudo fachada. Tenho cuidado de feridos desde ontem. Tudo aconteceu tão rápido, mas meu serviço quase não mudou.

Cléber pediu para que os irmãos o seguissem, abriu uma porta e começou a subir um lance de escadas. Jéssica olhou para o irmão, ainda desconfiado,

levantou e começou a andar. Lucas a segurou pelo braço no meio do caminho.

— Me solta, Lucas, eu vou com ele – o rapaz levantou, sem dizer uma palavra, e abraçou a irmã – O que...?

— Me desculpa por ter nos metido nessa, mas vai dar tudo certo – Lucas ainda parecia uma mistura de emoções, mas estava mais aliviado – Vamos conseguir sair dessa e achar nossos pais.

— E por acaso é culpa sua? Nós vamos dar um jeito de achar eles, eu sei – disse a menina – Mas agora não temos muita escolha e eu realmente acho que ele pode nos ajudar. Ficaremos atentos.

Ao subirem as escadas, Lucas e Jéssica se depararam, para sua surpresa, com a casa de Cléber, saindo das escadas diretamente na cozinha, o que era bem estranho. Os três se sentaram na sala e o dono da casa deu-lhes comida, enquanto conversavam sobre o que havia ocorrido com eles desde o incidente solar. O médico contou como aquela gangue havia tomado a cidade vizinha e a que eles estavam agora, fazendo parecer que eles já tinham tudo planejado. Contou também que o real líder desse grupo ainda estava na cidade vizinha e era um homem influente na região.

Cléber também ouviu a história dos irmãos e Jéssica contou todos os detalhes que Lucas havia esquecido de mencionar, como por exemplo a morte da avó. Ela ficou se perguntando o motivo de ele ter omitido tal fato, mas não perguntou. O médico ficou horrorizado com tudo que havia acontecido com eles, e ofereceu para ficarem em sua casa por mais alguns dias.

— Não podemos – disse Lucas, que, apesar de tudo, ainda tinha um pouco de desconfiança – Temos que continuar seguindo a estrada para chegar à cidade onde estão nossos pais. Queremos reencontrá-los.

— Ah, sim. Esse é o motivo pelo qual estão viajando, não é mesmo? – a pergunta, apesar de retórica, pareceu bem humorada – Vocês sabem se eles estão... vivos?

O silêncio tomou o ambiente por alguns instantes.

— Sim, eles estão sim – os dois olharam para Jéssica, que falava – Eu não sei como, mais sinto que eles estão vivos ainda. E prefiro acreditar nisso, por agora.

— Entendo – comentou Cléber – Bem, já está tarde, então acho melhor vocês tomarem um banho e dormirem. Podem ficar no meu quarto, eu durmo confortavelmente na sala, se for dormir. Apenas subam o lance de escadas para o segundo andar e entrem na

primeira porta à esquerda, para o banheiro. O quarto é no final do corredor. Podem pegar roupas minhas, apesar de achar que não vão ficar muito bem na Jéssica.

— Tem certeza que vai ficar bem aqui, doutor? — Jéssica perguntou.

— Sim, vou sim. Não se preocupem, crianças. Podem dormir tranquilos, nada vai acontecer com vocês — Cléber disse e, pela primeira vez, se dispôs a sorrir para acalmar os dois. Ela começou a subir e Lucas ficou na sala por um tempo. Jéssica parou quando viu que o irmão não a acompanhava — O que foi, rapaz?

— Quero retribuir o que está fazendo por nós dois! — disse, se levantando da poltrona onde estava sentado.

— Já disse que vocês não têm utilidade para mim, rapaz — o médico recolheu os pratos e os levou para a cozinha enquanto falava com Lucas — Vocês podem ficar aqui o tempo que quiserem.

— Por quê? Por que você está fazendo isso? — Lucas parecia indignado, mas no fundo ele não queria parecer ingrato — Quer dizer... você não precisava estar fazendo isso, entende?

— Precisava, Lucas — o médico tirou os óculos e limpou os olhos com a camisa — Precisava porque eu

devia isso, não para vocês, mas para os seus pais. Eu não tenho família, não sei como é ter filhos, mais eu sei como é ter pais e se eu estivesse na situação de vocês provavelmente estaria fazendo a mesma coisa. Então sim, eu tenho por que fazer isso. Aliás, é o mínimo que eu posso fazer!

— Mas deve ter alguma coisa que a gente possa fazer por você! – o garoto insistia, quase elevando a voz – Qualquer coisa.

— Olha, eu vou pensar, ok? Agora vá dormir – a expressão fria voltava ao rosto do médico – Amanhã conversamos sobre isso, vou chamá-los logo quando sair o sol. Temos que nos acostumar a nosso novo horário. Não vai demorar muito para o nosso corpo se acostumar com os horários de luz.

Sem falar mais nada, Lucas seguiu a irmã, que havia ficado parada na escada todo esse tempo. Subiram os degraus e se dirigiram ao quarto. Após pegarem uma troca de roupa cada, Jéssica foi tomar banho e, assim que saiu, Lucas foi também. A água gelada batia no corpo dos dois com o mesmo efeito, lavando não só a carne, mas também a alma. A sujeira que escorria, além do sangue e do suor, também era das lágrimas e do cansaço. Aproveitaram para lavar

suas roupas na própria água do chuveiro, tentando limpá-las minimamente. Era sempre bom ter uma troca de roupa caso ficassem molhados ou com frio, e agora eles tinham essa opção.

A noite de sono foi a melhor que tiveram nos últimos tempos. Os dois deitaram na cama de casal e seus corpos, mesmo que parcialmente, relaxaram pela primeira vez em tempos. Não demorou muito para que pegassem no sono, e tudo parecia muito bom. Contudo, algumas horas depois, o sol nasceu e um novo dia começava.

— Eu já sei o que vocês podem fazer por mim — essas foram as primeiras palavras que os irmãos ouviram após terem sido acordados. Já estavam na sala novamente, dessa vez tomando café. Usavam as roupas cedidas por Cléber, que serviram em Lucas, mas ficaram um pouco compridas em Jéssica, o que fez com que ela dobrasse as mangas da camisa e usasse uma calça de moletom com elástico na cintura — Vocês vão seguir um caminho perigoso. A próxima cidade pela qual têm que passar é onde se encontra o chefe dessa gangue. Para conseguirem passar por lá sem serem capturados ou qualquer coisa do tipo, vou

mandar vocês com uma bolsa de remédios. Se perguntarem, digam que estão ao meu comando e devem ter passagem livre.

Lucas e Jéssica se entreolharam. Parecia perigoso, e de várias maneiras isso podia dar errado, mas era talvez a única opção que possuíam.

— Eu vou sozinho – disse Lucas.

— Lucas, não é hora para você querer bancar o machão! – Jéssica ficava muito brava toda vez que o irmão tentava protegê-la desnecessariamente, muito mais agora. Antes de continuar falando, contudo, ela tossiu – Eu vou com você!

— Você não pode ir comigo, Jé, é muito perigoso!

— Tudo pelo que a gente passou foi muito perigoso, e mesmo assim continuamos juntos. Você não pode ir sozinho.

— Na verdade – Cléber interrompeu, colocando os óculos no lugar – Eu acho melhor o Lucas ir sozinho mesmo.

— O quê? – por mais que Jéssica fosse a indignada, Lucas perguntou junto com ela, em uníssono. Ambos se olharam.

— Não teria problema algum você ir – disse o médico, olhando nos olhos da menina – Mas você e eu sabemos que sua saúde não está muito boa, não é mesmo?

Lucas olhou para Jéssica esperando que ela confirmasse. A menina não falou nada, mas sua respiração pesada a indiciava. O irmão colocou a mão na testa dela e percebeu que a irmã ardia em febre.

— Como você soube? – Jéssica perguntou, ainda não acreditando que tinha sido descoberta.

— Criança, eu sou médico há tempo o suficiente para saber que você não está tão bem quanto acha que está – Cléber dizia em um som quase de deboche, mas todos sabiam que ele falava sério – E como médico, não posso deixar que você saia daqui antes de estar minimamente melhor do que está agora. Então você fica.

Nenhum dos dois falou mais nada. Jéssica sabia que provavelmente seria muito pior se fosse com o irmão. Lucas, apesar de querer estar sempre junto à irmã para garantir que ela ficaria bem, não enfrentou a decisão do médico.

Ainda para aproveitar a manhã, Lucas e Cléber foram resolver a questão da entrega, enquanto Jéssica subiu para o quarto novamente, pois tinha que ficar de repouso. Ela tinha tomado um remédio para melhorar os sintomas, mas ainda era preciso descobrir o que realmente estava causando a febre.

Os dois desceram a escadaria de volta ao necrotério. Cléber deu a Lucas uma bolsa térmica, que poderia carregar com apenas uma mão, pela alça. Ela estava cheia de remédios para a dor, antialérgicos, curativos e álcool.

— Você tem que entregar isso para o médico de lá. Eu não sei como ele é, ou se realmente é médico, mas ordens são ordens – ele fechou a bolsa e deu a Lucas – Você não precisa se preocupar tanto assim com o transporte, a bolsa aguenta a temperatura que faz lá fora e é bem resistente.

— Calma, você disse ordens? Quer dizer que você teria que fazer isso se não estivéssemos aqui? – Lucas perguntou, desconfiado.

— Sim, mas já que estão e você quer ajudar, acredito que não haja problema – enquanto falava o médico parecia irritado, e Lucas percebeu que havia alguma coisa de estranho nele – Entendeu?

— Entendi – confirmou, apesar de sua desconfiança ter retornado – Eu vou agora, então, que o sol ainda não está tão forte. Acho que no fim da tarde já devo estar de volta. Vou tentar ir o mais rápido possível. Não queremos ficar aqui por muito tempo, você sabe.

Cléber acompanhou Lucas até a porta e avisou um capanga para que escoltasse o rapaz até a saída da cidade e passasse o recado para a outra. Um outro homem se aproximou para acompanhar Lucas, enquanto um terceiro foi de bicicleta na frente deles, provavelmente para que o recado chegasse mais rápido. Apesar do medo, Lucas sentia que retornaria a salvo.

Jéssica estava recostada na cama onde dormiram pensando em tudo o que podia acontecer. Sua pele estava quase pegando fogo, mas ela sentia frio. Se cobriu até a metade da barriga, desdobrando também as mangas da camisa que vestia. Ela sabia que, em algum momento, Cléber retornaria e ela teria que contar o que estava acontecendo, e estava com medo do resultado ser muito ruim.

Cerca de uma hora após a saída de Lucas, Jéssica ouviu passos subindo a escada, e sentiu um calafrio. Cléber apareceu na porta do quarto, inclinando seu corpo sobre o batente da porta; arrumou os óculos no rosto e perguntou:

— Você está melhor? – depois de algum tempo que havia tomado o remédio, ele esperava que a resposta fosse positiva – O que está sentindo?

— Frio, por conta da febre, e um pouco de dor – a menina não queria ter falado essa última parte, mas as palavras escaparam e não havia mais volta – Mas é bem pouco, nada com o que se preocupar.

— Onde é essa dor? – Cléber perguntou enquanto se sentava ao lado da menina na cama.

— Não é nada demais – mesmo que tentasse, o olhar do médico já a dizia que não adiantava esconder o que acontecia – Estou com uma dor no pé.

— Qual deles? – a menina respondeu apontando para o pé direito, ainda coberto – Posso ver?

Jéssica hesitou. Ela sabia que a situação do seu pé queimado não estava nada boa. Na noite passada, quando tomou banho, foi a primeira vez que a menina o viu depois de colocar o tênis dias atrás. Ela puxou o cobertor para Cléber também ver o causador de todo aquele problema.

O pé da menina estava inchado e extremamente vermelho, com exceção do peito do pé, que apresentava uma cor amarelada, estando em carne viva. O médico encarou o ferimento por alguns segundos antes de olhar fundo nos olhos de Jéssica.

— Vamos fazer o seguinte – ele disse, assustadoramente calmo – Você está com uma

infecção, com certeza. Talvez não seja nada sério, mas talvez seja, então vou tirar uma amostra do seu sangue para ver como as coisas estão, e então vamos começar a tratar.

— Você acha que eu posso perder o pé ou coisa assim? – a menina perguntou, preocupada.

— Acho bem improvável, mas não é impossível – o médico disse, sincero – Mas tenho quase certeza que, seja o que for, conseguiremos tratar. Tenho vários remédios para infecção, e sei um procedimento que pode ajudar também. Se for qualquer outra coisa, vou conseguir descobrir com um pouco de pesquisa e vou arranjar o tratamento. Não se preocupe.

As palavras de Cléber, por mais que fossem verdadeiras, não deixaram a menina mais calma e nem menos preocupada. Ela se arrependia de não ter falado nada antes, nem mesmo comentado com o irmão, o qual seria uma ótima companhia naquele momento.

Cléber saiu do quarto e retornou algum tempo depois com uma seringa, uma agulha, algodão, álcool, e um elástico grosso. Jéssica já havia tirado sangue inúmeras vezes antes, mas continuava tendo pavor de agulha. Ela olhava o pedaço de metal como se aquilo fosse arrancar uma parte do seu corpo.

— A agulha está esterilizada e é novinha, ouviu?
— Cléber tentava descontrair a menina – Você com certeza já fez isso antes e sabe como funciona, então é só relaxar e deixar que eu faça meu trabalho. Vai ser rápido, você sabe.

Jéssica assentiu, mas estava tensa. O médico ergueu a manga da camisa da menina e prendeu o elástico com força. Enquanto ele fazia todo o procedimento para tirar o sangue, Jéssica contou como conseguiu aquela ferida, sem deixar passar nada do que fez com o pé, o que, ao mesmo tempo que informava, mantinha seu pensamento longe. Quando Cléber colocou a agulha, a menina desviou o olhar e o volume de sua voz aumentou um pouco. Alguns segundos depois, a amostra já havia sido tirada e o curativo feito.

— Pronto, agora você vai ter que esperar um pouco, mas não se preocupe, provavelmente antes do seu irmão chegar já vamos saber o que fazer – Cléber guardou a amostra no bolso de sua camisa enquanto recolhia o que havia levado – Antes de analisar isso aqui eu vou fazer o almoço, afinal ainda temos que comer. Vou trazer algumas bolachas salgadas e água para você, se estiver com fome. Em alguns minutos o

almoço vai estar pronto e trago aqui para você também. Se precisar de alguma coisa, é só gritar.

Não demorou muito para o almoço dos dois ficar pronto. Jéssica sentia que a febre havia baixado por enquanto, pois não sentia mais tanto frio. Cléber comeu junto à menina, na cama, enquanto tentavam se descontraír conversando. Por mais que tivessem os mais variados assuntos, a conversa sempre voltava para um mesmo lugar: o que aconteceria daquele ponto em diante?

Jéssica estava com medo. Ela não sabia se seu irmão estava bem, não sabia se seus pais estavam bem, estava doente e não estava tão otimista quanto ao tratamento. Ainda por cima, a única companhia que tinha era o médico que, apesar de gentil, ainda era um estranho com o qual ela não se sentia totalmente confortável. Ela se sentia sozinha. E sentia que esse sentimento não ia mudar por um bom tempo.

Ambos terminaram de comer e Cléber levou a louça suja para a cozinha, voltando com uma garrafa de água. Saiu, logo depois, avisando que estaria no necrotério. Por mais que fosse dois andares abaixo, ele garantiu que iria ouvir se a menina chamasse. Ele pediu para que ela descansasse o máximo possível, e disse

que voltaria no meio da tarde, provavelmente com o resultado do exame.

Jéssica pôde aproveitar sua solidão, que não era tão positiva assim. O silêncio do ambiente era até reconfortante, mas vez ou outra ela ouviu vozes na rua, gritos, e ouviu uma pessoa chorando. Ela tentava não imaginar o que poderia estar acontecendo, já tinha problemas demais com os quais lidar. Pouco depois, vencida pelo cansaço, a menina dormiu.

Não demorou muito, contudo, para que o médico a acordasse. Não muito descansada, Jéssica demorou um pouco para acordar completamente. Assim que o fez, ela ouviu Cléber dizer:

— Jéssica, seu exame ficou pronto e não é nada muito sério mesmo – a boa notícia quase fez com que ela voltasse a dormir – Mas vou precisar que você desça comigo até o necrotério. Como o seu pé está muito inchado e com bastante pus, acho melhor drenar um pouco disso para que você possa andar amanhã sem muita dor.

— Como você vai fazer isso? – a menina perguntou, pensando que não havia aparelho elétrico que o médico pudesse usar.

— Lá embaixo eu te explicarei – Cléber levantou da cama antes de Jéssica perceber que ele estava sentado.

O médico ajudou a menina a se levantar e a conduziu pelos lances de escada que levavam até o necrotério. Cléber pediu para que ela se sentasse em uma das macas para colocar os corpos e apoiasse o pé queimado, com cuidado, em cima dela.

— Isso. A outra perna você pode deixar relaxada mesmo. Pode se sentar mais para a beirada da mesa se sentir que está muito encolhida – assim que a menina se ajeitou, Cléber foi até uma das bancadas e pegou um bisturi – Jéssica, vou falar sério com você agora. Depois de tantos atendimentos emergenciais nesses dias, o estoque de anestesia desse lugar acabou.

— Como assim? Quer dizer que você não vai poder fazer a drenagem? – Jéssica olhou no fundo dos olhos do médico e soube o que ele estava tentando dizer – Não, não vai dar. Não posso deixar você cortar meu pé sem anestesia.

— Olha, Jéssica – Cléber tirou os óculos e deixou sobre a mesa, coçando um dos olhos – Eu entendo que não é a decisão mais fácil e eu mesmo não faria se não estivéssemos na situação em que estamos. Só estou sugerindo isso por vocês mesmos quererem ir embora

logo. Se não fizer essa drenagem, seu pé vai doer muito enquanto andar, e sabemos que vocês não vão andar pouco.

— Você acha que vai doer muito? – a menina pensava sobre isso com mais clareza – Depois que você cortar, o que acontece? Como vou ficar?

— O que vai acontecer é: vai escorrer um pouco de sangue e boa parte do pus que está no seu pé, aliviando a pressão nele e diminuindo a dor – ela sabia que ia doer de qualquer jeito, então não se importou com o fato do médico não ter respondido a primeira pergunta – Depois do procedimento, eu vou fechar o corte, fazer um curativo, e você vai começar a tomar o antibiótico.

— Vamos fazer desse jeito então, eu aguento a dor – Jéssica não ponderou por muito tempo, mesmo com medo. Ela já havia aguentado dores piores nessa viagem – Eu só vou precisar de alguma coisa para morder, e da sua promessa de que vai fazer com que seja o mais rápido possível.

— Feito – Cléber voltou até a bancada e pegou uma toalha de rosto para a menina. Trouxe consigo o antibiótico, mostrando-o à menina – Este é o remédio que você vai tomar. Ele é de doze em doze horas, então aconselho que você tome no nascer e no pôr do sol, que são os horários mais perceptíveis.

Jéssica assentiu e sentou-se ainda mais perto da cabeceira da mesa, assim conseguiria segurar na parte de cima e no lado, garantindo-a mais estabilidade. Colocou seu pé queimado na outra extremidade, de forma que não ficasse totalmente para fora, enquanto deixou sua perna esquerda esticada, apoiando a panturrilha na lateral da mesa.

Cléber também se colocou em uma posição na qual poderia aproveitar a luz do sol quase poente que entrava da porta atrás dele, ficando diretamente na frente da menina. Ele inclinou levemente a perna de Jéssica para que o pé dela ficasse na diagonal, e fosse mais fácil do pé escorregar para a mesa, que possuía um ralo. A proximidade que os dois estavam a deixava incomodada, principalmente naquela posição, mas preferiu confiar na ética médica e continuar.

— Eu vou precisar que você deixe o pé o mais relaxado o possível, para meu trabalho ficar mais fácil e preciso – Cléber olhou nos olhos da menina, que assentiu com a cabeça. Ela enrolou a toalha e a colocou na boca, mordendo-a com força – Vamos começar então, prometo que será rápido.

O médico colocou luvas, uma máscara e um gorro. Ajeitou os óculos no rosto para que não saíssem do

lugar. Segurou no calcanhar da menina com a mão esquerda, enquanto na direita segurava o bisturi. Deu uma última olhada para Jéssica, que já havia desviado o olhar. Colocou a lâmina com calma sob o pé da menina, como forma de avisar que iria começar o procedimento.

Em um movimento rápido, Cléber afundou metade da pequena lâmina no pé da menina, já abrindo um pequeno corte. Jéssica emitiu um gemido alto com a dor, que foi menor do que ela achou que seria. Sua respiração começou a ficar mais pesada, e ela só se concentrava em não deixar seu pé tenso, como se, do joelho para baixo, ela não tivesse controle de sua perna.

Cléber continuou puxando o bisturi, e Jéssica sentiu o líquido quente escorrendo por seu pé, a mistura de sangue com pus. Pareceu uma eternidade para ela enquanto o médico abria ainda mais o corte. Quase na metade do caminho, ele começou a apertar um pouco o pé da menina, o que não estava nos planos, mas fazia com que o pus escorresse mais rápido. A dor latejava o pé da menina de uma forma que ela jamais sentira.

Quando o corte estava quase para ser terminado, a porta do consultório se abriu, iluminando o ambiente. Onde antes se ouvia os gemidos de dor da menina, ouviram-se apenas ecos. Nenhum dos dois

havia parado para prestar atenção em quem havia entrado. E foi tudo muito repentino.

Primeiro foi o estrondo da porta se batendo contra a parede. Em seguida, mais três barulhos ensurdecedores se seguiram. Três explosões. Nem ao menos um segundo depois, Cléber olhou nos olhos de Jéssica, que havia se voltado para ele, assustada. A expressão do médico era indefinível, mas seus olhos estavam esbugalhados e sua pupila havia se dilatado e lentamente foi se encolhendo.

Foi quando Jéssica percebeu as manchas de sangue na roupa dele. Ela gritou, tanto de susto, quanto de dor, pois quando o corpo do médico caiu, acabou por enfiar o bisturi um pouco mais fundo em seu pé. Tudo o que tinha acontecido deixou Jéssica desnorreada pelos poucos segundos da ação. Quando recobrou a consciência, viu quem havia matado o médico.

Lucas estava com a arma em mãos, apontando para ela.

Depois de sair do necrotério, Lucas foi seguindo em direção à cidade vizinha, junto ao capanga que Cléber ordenou que fosse junto. Durante todo o caminho, que durou por volta de quarenta minutos de

caminhada, ambos não trocaram palavras. Ao chegar na saída da cidade, o acompanhante de Lucas apenas parou e deixou-o ir sozinho.

A viagem nessa estrada não foi muito diferente daquela que eles haviam feito no dia anterior. O único fator diferente, e talvez vital, era a ausência de Jéssica. Lucas foi em silêncio o caminho todo e precisava se concentrar em sua missão para não ficar pensando na irmã, na avó ou na eventual possibilidade de nunca mais voltar para buscar a menina. Toda vez que tentava não pensar nisso, acabava pensando ainda mais.

Para ajudar, o sol começou a esquentar não só o asfalto, mas também o corpo do rapaz. Pela intensidade, Lucas achou que fosse umas dez horas da manhã, quando os raios de sol realmente ficam mais intensos. Apesar de não ser pesada, era um pouco incômodo para ele levar a bolsa de remédios, trocando-a de mão de tempos em tempos.

Por volta da hora do almoço chegou à cidade vizinha. Logo na entrada, dois membros da gangue que tinha controle sobre aquela região o receberam, sendo um deles o mensageiro que foi de bicicleta na frente de Lucas mais cedo. Cumprindo seu papel novamente, ele partiu pedalando na frente dos dois que iam andando. Lucas

sentiu que os dois riam para ele, debochando, como se vissem prazer no sofrimento pelo qual ele passava.

Quando sentiu que estavam se aproximando do destino, Lucas tentou conversar com sua escolta:

— O médico que vai receber esses remédios, quem ele é? – a pergunta não surtiu nenhum efeito, ficando solta no ar – Nós estamos indo para onde ele está, certo? Acredito que Cléber ficaria irritado se soubesse que algo aconteceu comigo.

Apesar de tentar jogar com a relação de poder que o médico exercia naquela gangue, o capanga que o acompanhava limitou-se a esboçar um meio sorriso e continuou andando. De fato, não demorou muito para que os dois chegassem a um galpão, um grande imóvel localizado no centro da cidade, provavelmente usado como armazém ou garagem, quando os dias eram normais. Dentro do lugar haviam várias caixas de madeira e sacos de alimentos ainda na embalagem, assim como alguns carros que não funcionavam mais, contudo serviam de assento para a enorme quantidade de pessoas que se encontrava no recinto, pelo menos setenta delas.

Ao fundo do galpão, Lucas viu aquele que provavelmente estaria por trás de toda aquela

organização que surgiu do nada, como se já estivesse pronta para o que ia acontecer. Ele era claramente diferente daqueles que os rodeavam. Possuía um olhar tranquilo, usava um terno feito sob medida para seu corpo esguio. As entradas no cabelo indicavam a idade avançada, apesar de não possuir fios brancos. Quando se virou para Lucas, este percebeu que o homem usava óculos e tinha um olhar profundo.

— Você deve ser o menino que veio trazer meus remédios – a voz grossa do homem ecoava em todo o galpão. Apesar de Lucas ficar incomodado por ser chamado de menino, não comentou nada – Já almoçou? Junte-se a mim, estava indo comer agora mesmo.

— Não precisa, muito obrigado – respondeu Lucas, medindo cada palavra – Vim apenas concluir o serviço. Preciso voltar, vou seguir viagem em não muito tempo.

— Mas, ora, não me faça essa desfeita! – todos os capangas estavam observando a conversa – Senhores, arranjem mais uma cadeira à minha mesa. Hoje terei companhia!

Logo que falou, alguns capangas começaram a trazer uma mesa e duas cadeiras. O homem se sentou, indicando que Lucas deveria se sentar na frente dele.

Quando o garoto o fez, outro subordinado trouxe dois pratos de macarrão com queijo e os serviu. O chefe ordenou que todos se afastassem, e eles se distribuíram pelo galpão.

— Perdão, acredito que tenha esquecido de me apresentar – o homem colocou os talheres na mesa e estendeu a mão para Lucas, que a apertou – Meu nome é Henrique, mas todos aqui me chamam de “chefe”. Você pode me chamar como preferir, mas eu gostaria que fosse pelo segundo nome, se é que me entende.

— Acredito que não entenda, senhor – Lucas não havia encostado em seu prato, não tinha certeza do que estava ali – Eu realmente preciso ir, mas fico muito agradecido com o convite.

— Por que a pressa, rapaz? – o tom sério com que Henrique falou gelou a espinha de Lucas por alguns segundos – Tem algum compromisso? Você disse que ia viajar, certo? Para onde vai? Coma um pouco antes de ir.

— Vou encontrar meus pais na próxima cidade do interior – Lucas achou melhor esconder o fato que tinha uma irmã, apesar de ter a impressão de que Henrique sabia. Ele comeu uma garfada do macarrão enquanto encarava o homem – Eles estão lá em viagem.

— Você vai voltar para se despedir do médico e buscar o corpo da sua irmã? – Lucas travou. Como assim o corpo da irmã? – Eu presumo que algo tenha acontecido com ela para não estar aqui.

— Achamos melhor ela ficar por lá, ela estava um pouco doente – respondeu Lucas, se perguntando como aquele homem poderia falar tais coisas tão naturalmente.

— E você a deixou sozinha com aquele maníaco? – ele riu – Você sabe o que ele faz com os “pacientes”, não sabe? Os experimentos e tudo mais?

— Ele nos poupou dos experimentos se trabalhássemos para ele – por um momento, Lucas começou a se questionar sobre a segurança da irmã – Por isso estou aqui, inclusive.

— Você mente bem, garoto – Henrique não tirava os olhos da comida enquanto falava com Lucas – Mas eu sei que o médico não realiza nenhum experimento. Ele está lá para duas coisas apenas: cuidar de quem precisar e usar quem está saudável.

— Usar? Você diz... – Lucas fechou o punho contra as pernas – Não é verdade o que você está falando.

— Você não percebeu que eu apenas quero o seu bem, menino? – pela primeira vez ele olhou fundo nos olhos de Lucas – Eu gostei de você. Tem o perfil que

eu queria para o meu grupo. Você sabe que vamos fundar um novo mundo, não sabe? Depois que toda essa crise passar, nós nos ergueremos vitoriosos.

— Eu não vou fazer parte desse mundo – Lucas disse, quase voando naquele mentiroso.

— Só se estiver morto, isso é – novamente, nenhuma emoção expressada – É uma questão de minutos até alguém entrar por aquela porta trazendo a infeliz notícia do falecimento de sua irmã. Assim como trouxeram a dos seus pais.

— Você está mentindo! – Lucas não percebeu, mas os capangas estavam os rodeando e chegando cada vez mais perto – Você não conhece meus pais!

— O químico e a médica? – Lucas travou. Como era possível? – Eles estavam ajudando as pessoas na cidade vizinha, não é? Eles estavam no meu caminho, não aceitaram minha oferta. Então mandei executá-los. E é o que farei com você se não aceitar minha proposta também. Você já passou por essa situação, Lucas, e se não fosse pelo médico você estaria a sete palmos do chão há muito tempo!

— Como? Como você sabe? – o coração de Lucas batia freneticamente.

— Eu sei de tudo, criança. Tenho olhos e ouvidos em todos os lugares. Todos! – Henrique se levantou, mas Lucas não conseguiu. Ele contornou a mesa enquanto falava – Mas não se preocupe. Eu tenho o lugar certo para você e sua irmã. Sim! Ela está bem por enquanto. Eu não deixaria ela muito tempo mais sozinha. O quão fraca ela está? Seria uma pena se...

— Nada vai acontecer com ela! – Lucas tentava segurar o choro de desespero – Não enquanto eu puder ajudar, não enquanto eu puder protegê-la!

— Ah! Garoto, você assiste muitos filmes de super-herói – Henrique, a essa altura, estava atrás de Lucas, e segurou seus braços com força contra o apoio da cadeira. Dois homens, um de cada lado, amarraram os braços do menino, que não conseguiu resistir. Depois seguraram e amarraram as pernas dele às pernas da cadeira. Henrique o virou, e só então Lucas percebeu a quantidade enorme de gente em volta deles – O que você pode fazer agora? Nada! Você não é ninguém, rapaz. Ninguém! Se eu quisesse, poderia mandar matar sua irmã e aquele médico agora mesmo. Mas eu não vou. E sabe por quê? Porque, na verdade, eu acredito que eu possa fazer você ser alguém.

Lucas não soube reagir. Ele começou a ouvir vozes em sua cabeça, os capangas do chefe falando coisas que ele não queria ouvir, mas cada vez mais pareciam verdade.

— Eles já morreram – bradava um ou outro.

— Não tem mais volta, rapaz – a voz da multidão se sobrepunha.

— Ela também está no fim – o coração de Lucas apertava cada vez mais.

Henrique ajoelhou na frente dele, olhando-o diretamente nos olhos. Os seus capangas continuavam a gritar alguma coisa, uma vez ou outra, mas a maioria comentava entre si, ria de Lucas e da situação em que ele se encontrava. Falavam de como Cléber provavelmente já teria dissecado sua irmã, que ele agora não tinha mais família nenhuma. Não tinha ninguém. Só restava ele.

— Eu tenho uma proposta a te fazer, rapaz – Henrique encostou com a mão no queixo de Lucas para erguer sua cabeça. O olhar do menino estava opaco, sem vida. A respiração ofegante, a pulsação frenética. Lentamente, o chefe foi falando o que queria que o garoto fizesse. Cada detalhe.

Ele deixou o rapaz pensando, amarrado à cadeira, por algumas horas. Na mente de Lucas, a imagem dos corpos da avó, dos pais, e da irmã passava sem parar. Ele se sentia culpado, impotente. Ele precisava fazer alguma coisa. Pensou na proposta que Henrique havia lhe feito. Era loucura! Mas, na situação em que estava, nada mais poderia ser tão estranho. Ele precisava aprender a tomar as decisões por si só, agora que não tinha mais ninguém. Precisava, ao menos, acertar suas contas.

– E então, o que vai ser, Lucas?

Jéssica não conseguia se mover. Ela não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Como o próprio irmão pôde matar a única pessoa que os ajudou? Por que ele fez isso? Ela tremia, de medo e de dor, e não conseguia tirar os olhos da arma que Lucas segurava. Os segundos pareciam horas. Ela olhou fundo nos olhos do irmão e ele, que antes olhava para onde o médico estava, encontrou seu olhar com o dela. Não era o Lucas. Não era o mesmo Lucas que ela conhecia. Alguma coisa estava diferente, ele não tinha vida no olhar. A arma que segurava ainda estava erguida, ainda saia fumaça de seu cano, e ela ainda estava apontada para Jéssica.

Por segundos, pareceu que o rapaz estava inconsciente, até ele olhar para a irmã. Como se retornasse ao próprio corpo, Lucas a encarou. Suas pupilas dilataram, e ele conseguiu enxergar uma Jéssica com medo, muito mais medo do que ele jamais havia visto. E ele percebeu o que causava medo nela.

Aos poucos, ele começou a entender o que tinha feito. Olhou para a arma, para o corpo do médico, e para a irmã. A mão que segurava a arma começou a tremer, e o efeito se irradiou pelo corpo todo. Suas pernas fraquejaram e ele caiu de joelhos no chão, abaixando o braço. Sua audição, danificada pelo barulho dos tiros, também voltou. Tudo para ouvir os gritos da irmã.

– O que você fez? Você enlouqueceu? Por quê? Você estragou tudo! – tanta coisa acontecia ao mesmo tempo que Jéssica não sabia o que fazer primeiro – Seu monstro! Estava tudo dando certo! Por que você fez isso? Por que agora?

Mas Lucas não conseguia falar. Ele olhava em volta, tentando compreender a situação. Não havia sinal de nada que Henrique havia falado para ele, sua irmã estava bem, mas o pé dela estava cortado! Ele continuou ouvindo a irmã gritar com ele, sem acreditar no que

havia feito. Ele também não entendia o que havia acontecido, não sabia responder o que Jéssica queria. Até pouco tempo atrás, ele acreditava que ela estava morta. Ele não conseguia responder nada. O irmão abaixou a cabeça, olhando a arma em sua mão trêmula. Ele cogitava usá-la de novo. Em um turbilhão de emoções, a única coisa que ele conseguiu fazer foi gritar. Gritar alto o suficiente para silenciar a irmã. Nesse momento, ele sentiu o gosto de sangue na garganta.

Ela, agora calada, chorava, não de tristeza, mas de dor e de ódio. Mas tinha que fazer alguma coisa, não podia ficar ali como se tudo estivesse bem. Ainda havia um bisturi enfiado no pé dela, que doía e sangrava. Decidiu que precisava se acalmar se não quisesse acabar morrendo também. Além do sangue, seu irmão ainda estava com uma arma, e ela não podia tirar os olhos dele. Se é que aquilo ainda era o irmão dela.

Jéssica olhou em volta para procurar por opções. Viu, na maca em que estava, os utensílios que o médico iria utilizar para fechar o corte em seu pé e fazer o curativo. Precisava fechar o corte o mais rápido possível. Primeiro precisava remover a lâmina do seu pé. A questão era: tirar devagar ou arrancar de uma vez só?

Já morrendo de dores, a menina não pensou duas vezes: em um movimento rápido, sacou o bisturi do pé, fazendo com que um pouco mais de sangue escorresse. Ela colocou a mão sobre a boca para não gritar. Mesmo com dor, quase desmaiando, ela precisava continuar. Soltou a lâmina na mesa e tentou alcançar os equipamentos sem soltar o peso do corpo e cair na maca. Com o resto de forças que tinha, não iria conseguir levantar se caísse.

Nesse momento, olhou para frente procurando o irmão. Talvez ele já estivesse em condições de ajudá-la, mesmo depois de tudo. Mesmo que ela não quisesse. Deparou-se, contudo, com Lucas segurando a arma com força, encarando-a fixamente. Suas mãos tremiam e ele emitia apenas um gemido baixo do choro.

— Não, Lucas, por favor – Jéssica olhava com pena para ele. Por mais que fosse um monstro, ainda era seu irmão – Eu não vou aguentar perder você também. Se fizer isso, estará matando nós dois. E eu não cheguei até aqui para morrer. Não vou ficar sozinha.

Ele não queria ficar sozinho, apesar de ter aceitado que estava. Talvez a situação não tivesse mudado tanto assim. Lucas não movimentou o olhar em momento algum. Mas Jéssica, com o irmão ou sem,

precisava seguir. O rapaz deixou a arma de lado. A menina conseguiu alcançar os curativos. Algodão, gaze, uma agulha e linha, junto a alguns adesivos para cortes menores e álcool. Jéssica não fazia ideia de como fazer aquilo, todo o seu conhecimento de medicina era baseado em séries de televisão e filmes. Mas teria que dar um jeito.

Pegou as coisas e voltou para a mesa, onde teria um apoio para fazer o procedimento. Antes de tudo, precisava diminuir o fluxo de sangue. Pegou a toalha que antes estava mordendo e a amarrou com força logo abaixo da batata da perna. Por sorte, a linha já estava conectada à agulha, pois fazer isso tremendo seria quase impossível. Tudo o que ela mais queria agora era uma anestesia e alguém para ajudá-la.

— Lucas – ela o chamou, sem resposta – Você sabe que não estou conseguindo andar direito, certo? Então vou falar exatamente o que eu preciso e você vai fazer. Primeiro, feche a porta do necrotério. Suba na casa do Cléber, pegue uma bolsa, coloque o máximo de comida, água e roupas que você conseguir. Pegue meu tênis no quarto também. Nós vamos embora ainda hoje, assim que eu terminar meu curativo.

Jéssica não esperou resposta do irmão e foi logo pegando a ponta final da linha e a segurando embaixo do pé machucado, sem fazer muita força. Com as mãos tremendo, começou a furar sua pele perto do corte. Ela não fazia ideia do quão fundo aquilo teria que ser ou não, mas fez assim mesmo. Se sentia colocando um cadarço no tênis, mas gemia cada vez que perfurava seu pé. Aos poucos, foi se acostumando com a dor. Quando ela achou que já havia passado pontos o suficiente, segurou a outra extremidade da linha com o outro pé, para o corte ficar fechado, e usou o adesivo para deixá-lo mais firme. Cortou a linha com o dente, aproximando o pé da boca. Passou álcool em um algodão e limpou seu pé em volta do corte. Colocou mais um punhado de algodão em cima da ferida e enrolou o pé em gaze, prendendo-a com mais adesivos. Quando terminou, já havia anoitecido, e seu irmão estava agora no canto da sala, abraçado em seus joelhos, com uma mochila bem cheia.

— Lucas, você pode querer não falar comigo, mas pelo menos precisa me ouvir – ela parecia a irmã mais velha agora – Eu não vou conseguir andar direito, então você precisa me apoiar. Precisamos ir agora!

Ele, como esperado, não disse nada, mas entendeu a mensagem. Levantou-se e foi até a irmã, dando a volta na mesa. Não a olhou nos olhos, apenas estendeu o braço para segurá-la. Jéssica colocou seu braço em volta dos ombros do irmão, apoiando apenas o pé esquerdo no chão. Ele não se moveu, esperou que ela conduzisse, não que ele precisasse dizer isso a ela.

Jéssica começou a andar junto ao irmão. Lembrou-se de pegar o antibiótico, mas não sabia onde ele estava. Olhou em volta, principalmente para a bancada onde as outras coisas estavam, mas não o achou. Provavelmente estava em algum dos bolsos do médico. Eles teriam que mexer no corpo.

— Lucas, eu não queria te pedir isso – a menina era uma mistura de pena e ódio – Mas preciso que você vire o Cléber e pegue meu remédio em algum dos bolsos do jaleco.

Ele não demonstrou tanta reação quanto ela esperava. Lucas aguardou enquanto a irmã se apoiava na mesa novamente e se ajoelhou ao lado do corpo do médico. A única lembrança que ele procurava esquecer voltou com tudo a sua mente: a imagem do corpo da avó na cozinha. O corpo, a poça de sangue, o desespero. Tudo de novo.

Lucas caiu sentado no chão e se afastou do corpo, arrastando-se no chão, chorando. Se apoiou na bancada, se encolhendo novamente, levando as mãos à cabeça, apertando-a e puxando seus cabelos. Jéssica não conseguia ficar brava. Ela sabia, mais do que qualquer um, como ele se sentia. Mas ela precisava do remédio.

Com muita dificuldade, se ajoelhou perto da poça de sangue, tentando não se sujar. Falhou. Mas conseguiu apoiar o flanco direito na mesa enquanto, com as mãos, tentava levantar minimamente o corpo. Com uma força que não deveria estar fazendo, conseguiu puxar o jaleco vermelho até alcançar um dos bolsos e, felizmente, o remédio estava lá.

Não precisou da ajuda de Lucas para levantar, mas estava ofegante. Não queria mais a ajuda dele. Foi mancando até uma bancada ao fundo do cômodo, onde achou uma toalha para cobrir o corpo. Com movimentos lentos, conseguiu finalmente esticar o tecido sobre Cléber. Era tudo o que ela podia fazer.

Continuou seguindo até a saída, mesmo sem carregar nada, mancando. Deu apenas alguns passos antes de Lucas voltar para junto dela, mais controlado. Ele pegou o braço direito dela e fez com que Jéssica se apoiasse nele, ficando com as costas levemente

curvadas. Quando abriram a porta para sair, não havia mais ninguém do lado de fora. Não que ela se importasse, não que ele tivesse percebido. O caminho deles seria, agora, mais longo do que nunca.

Para a infelicidade dos dois, precisavam passar pela cidade onde Lucas fora entregar os remédios. E, para a surpresa de ambos, foram recebidos por um pelotão de mulheres e homens segurando tochas, iluminando a avenida principal da pequena cidade. Nenhum deles entrou no caminho dos irmãos, contudo.

Por metros e metros aquela multidão de pessoas foi seguindo os dois, sem dirigirem palavras a eles, apenas murmurando coisa ou outra entre si. A extensa avenida cortava a cidade por mais ou menos dois quilômetros. Quando chegaram na outra saída, ele estava lá. O homem para quem Lucas entregou os suprimentos. E ele sorria. Quando os irmãos chegaram face a face com ele, pararam, mas não olharam diretamente para ele. Todos pararam em volta.

— Ora, ora, se não é o nosso pequeno assassino — Lucas não demonstrava reação, mas Jéssica já começava a se enfurecer com o homem — Mas não me

levem a mal, o que você me fez, Lucas, foi um enorme favor. Evitou que eu sujasse minhas mãos.

As memórias da tarde de Lucas começaram a voltar para a sua mente pouco a pouco. Agora que não havia mais volta, pensou em como aquele homem, parado na sua frente, estava mentindo. Mas será que ele estava mentindo sobre tudo?

— E vejo que sua irmã está bem, afinal – o homem colocou as mãos no queixo de Jéssica, fazendo com que ela o olhasse nos olhos. O movimento dela, contudo, foi mais rápido. Bateu com as costas da mão na dele.

— Não encosta em mim! – ela estava começando a juntar os pontos do que tinha acontecido – O que você fez com o meu irmão?

— O que eu fiz? – a ironia na voz dele só a deixava mais irritada – Ora, eu não fiz nada. Apenas contei a verdade a ele. Aquele médico estava atrapalhando meus planos e não era de todo bom assim. Ele já havia feito coisas terríveis com outras pessoas, e você seria a próxima, se seu irmão não tivesse salvado você. Que bom que eu o alertei, não é mesmo?

As pessoas em volta riram. Aos poucos, as conversas foram crescendo, até virar uma forma de

saudação do grande herói daquele povo. Jéssica sentia o corpo todo de Lucas tremer, mas não fazia ideia do que se passava na cabeça dele. Seu sofrimento devia ser enorme. Ele fora enganado por um bando de pessoas que disseram que a segurança dela estaria em risco. Se sentiu culpada, mas os fatos já haviam acontecido.

— Olhem pelo lado bom – Henrique continuou – Agora vocês têm o caminho de vocês livre para encontrarem seus pais. Eu sei que não vão encontrá-los, mas mesmo assim, não os impedirei, nem nenhum dos meus colaboradores aqui. Podem ir. E lembrem-se, nós te devemos essa, Lucas.

Essa fora a gota d'água. A menina afastou o homem com o que a restava de força e continuou seguindo em frente. Ouviu as risadas ao fundo enquanto iam caminhando, mas teve que ignorá-las. Ainda faltava muito, e o caminho não seria fácil.

A estrada para a cidade onde seus pais estavam era estreita, mas era cheia de subidas e descidas. No escuro da noite, tudo parecia pior. Quase na metade do caminho, Jéssica pediu para que ele a carregasse, estava cansada e fraca. Lucas colocou sua mochila contra o peito, enquanto colocou a irmã nas costas, apoiando os

braços dela sobre os ombros, segurando-a pelas pernas. Não faltava muito, ele iria conseguir. Eles estavam perto, finalmente, do que buscavam.

Lucas continuou, mesmo cansado. Sua garganta doía e sua mente estava quase apagando. Sua irmã era a única coisa que o mantinha seguindo em frente. Suas memórias o traíam, lembrava dos corpos da avó e do médico, do sangue em suas mãos, e a risada do mentiroso ecoava em seu crânio. Mas ele precisava seguir.

Sentiu a primeira gota antes que pudesse notar a chuva que começava a cair. Ela era gelada, refrescante. Ela foi se intensificando, contudo. Não demorou muito para que ele sentisse a pele da irmã ardendo contra a sua.

— Lucas, eu não posso ficar nessa chuva – a voz da irmã parecia desaparecer mais a cada palavra – precisamos achar um abrigo.

Lucas usou toda a força que ainda lhe restava nas coxas para começar um leve trote, mas em direção a quê? A quem? Precisavam pensar rápido. Foi correndo e olhando em volta, precisava achar abrigo. Ele tinha certeza que, depois da subida da estrada, conseguiria ver um panorama melhor das coisas. Mas estava de noite e chovia.

Quando chegou no alto da pequena elevação, viu apenas vultos. Conseguia distinguir, não muito ao longe, algumas construções. Conseguia ver prédios e casas. Estavam chegando perto. O tempo, contudo, era curto. Lucas olhou para a irmã, esperando que ela comemorasse com ele. Mas ela havia desmaiado.

Ele precisava correr, mas também poderia derrubá-la. Desconfortável e com dores, ele seguiu na maior velocidade que conseguiu. As subidas e descidas da estrada não o ajudavam, como também o escuro e a chuva forte. A sensação das roupas molhadas grudando no corpo suado só não era pior do que a do corpo da irmã, inconsciente e com febre. Sem conseguir ver muito bem, Lucas se assustou com um vulto que passou bem na sua frente. Ele parou. Não era nada.

Continuou seguindo. Ao olhar para a beira da estrada, ele podia jurar que conseguia distinguir algumas pessoas conhecidas. Mas não conseguia falar, a dor na garganta ainda era mais forte que suas cordas vocais. Ouviu alguém chamando seu nome, atrás dele. Uma voz de mulher, conhecida. Era sua mãe! Ao se virar, o olhar de Lucas dilatou. Não havia ninguém.

Ele balançou a cabeça. Sua mente tentava enganá-lo cada vez mais. Sua vontade era correr na

direção da cidade de olhos fechados. Mas cada vez que piscava mais longo, a imagem de um corpo vinha à sua mente. Seja o da avó, o do médico, o corpo dos pais, ou o da irmã, estirada em suas costas. Lucas parou, tentando apoiar o corpo da irmã em um barranco na beira do caminho. Rapidamente, colocou a mochilas nas costas e pegou a irmã pelos braços. Pelo menos as chances de ela cair haviam diminuído. Não enxergar os seus pés não era um problema, pois isso já estava acontecendo antes.

Lucas correu. Todas as forças de suas pernas, braços, costas, do corpo todo, foram levadas ao limite. Pensou novamente em rezar, em homenagem à avó, e por conta de todo o seu desespero. Mas não sabia nenhuma oração. “Graças a Deus você passou no vestibular, meu querido. Eu rezei todos os dias para que desse certo. Deus ouviu minhas preces!”. Lembrou da avó falando. Onde quer que ela estivesse, o que ele mais queria era que ela estivesse rezando pelos dois. E sabia que ela estava.

O rapaz não soube ao certo quanto tempo correu, mas não parou nem um segundo, não olhou para trás. Todo o caminho ele tentou ignorar os vultos que via e as vozes que ouvia, por mais irritantes que elas fossem.

Usando todas as suas forças, ele chegou à entrada da cidade, que estava sendo guardada não por membros de gangue, mas por dois policiais, vestidos com capas de chuva e portando lamparinas.

Nenhum daqueles dois guardas soube exatamente o que aconteceu. Ninguém havia chegado àquela cidade isolada desde o dia da explosão solar, mas eles tentavam protegê-la. Quando viram dois jovens ensopados da chuva, correndo, no meio da noite, não souberam o que pensar. Mas eles claramente precisavam de ajuda.

Lucas, pouco antes de chegar perto dos policiais, perdeu as forças e caiu. Em um último instante de consciência, conseguiu pender o corpo para o lado para não cair em cima da irmã. Por alguns segundos, a única coisa que sentiu foram as gotas da chuva. Logo após, não sentiu mais nada.

Nem Jéssica nem Lucas tiveram certeza do que se passou nos últimos dias. Ela acordou suando em um quarto branco, em uma cama cheia de cobertores. Ele teve uma série de alucinações, não sabendo se estava acordado ou se estava sonhando. Ela olhou para o braço esquerdo, no qual uma agulha injetava soro. Ele

sentiu que as dores passavam pouco a pouco, mas não conseguia se expressar, sem voz. Ela olhou em volta, procurando pelo irmão. Ele tentou abrir os olhos e teve a impressão de ter visto a mãe, como na noite em que morreram. Ela tinha certeza que ele continuava vivo e ela também. Ele também sonhou com o pai, sentado ao lado dele. Ela chamou pelo irmão, gritou o seu nome. Ele ouviu.

Ele e ela ouviram passos por perto, provavelmente mais de duas pessoas. Ela e ele não estavam entendendo o que estava acontecendo. Ela chamou por ele mais uma vez, e ele sem voz, não conseguia responder. Ela e ele viram uma porta se abrir. Ele viu mais uma de suas alucinações. Ela viu a mãe e o pai entrando na sala, em prantos.

Ele não conseguia raciocinar direito, não entendia o que estava acontecendo. Ela, fraca, não conseguia se mover, apenas chorar. Ele, com o máximo de voz que possuía, chamou por ela. Ela ouviu.

A cortina que separava a cama dos dois, na mesma sala daquele pequeno hospital, foi recolhida. Lucas e Jéssica se entreolharam.

— Graças a Deus vocês dois estão bem! – a mãe dos irmãos chorava, aproximando as camas para

conseguir ficar perto de toda a família – Eu fiquei tão preocupada! Achei que o pior tinha acontecido.

— Nós também achamos, mamãe – Jéssica disse o que o irmão havia grunhido – Achamos que estaríamos perdidos.

— Mas vocês estão em casa, agora – disse o pai deles, sentado sobre a cama de Jéssica e segurando a mão de Lucas – Sua mãe conseguiu um bom tratamento para vocês. Logo, logo vocês estarão bem novamente.

— O Lucas está sem voz, então vou falar por ele – Jéssica compreendia até os olhares do irmão, que tentava ficar sentado na cama – Tanta coisa ruim aconteceu. Temos notícias horríveis para dar...

— Depois, minha filha – as duas e o pai choravam. Lucas continuava sem entender se aquilo era de fato real, ou apenas um sonho. Era bom demais para ser um sonho – Agora durmam, descansem. Vocês precisam.

— Tudo bem, mamãe – ela se levantou da cama de Lucas, assim como o pai – Podem ir. Eu imagino que vocês se responsabilizaram por cuidar de bastante gente por aqui. Depois nos falamos.

Jéssica e Lucas se entreolharam novamente, e agora conseguiam dar as mãos um para o outro. Uma

lágrima singela escorreu pelo olho dos dois. Seus pais deram um beijo em cada um e saíram do quarto. Os irmãos não soltaram as mãos. Não iriam mais se soltar.

— Nós conseguimos, Lucas – ela dizia, sem acreditar – Estamos salvos!

Passaram-se alguns dias até que o corpo de Jéssica voltasse ao normal e a mente de Lucas fosse colocada no lugar. Ele conseguia falar agora também. Toda vez que tinham tempo, seus pais apareciam no quarto para ver como eles estavam. Quando estavam curados, ambos saíram do quarto e foram para casa dos pais, uma residência que alugaram para ficar lá durante o período da viagem e que não precisavam mais pagar. As coisas na cidade funcionavam melhor que onde moravam antes, pelo menos sem energia elétrica. As pessoas mais idosas que moravam ali ainda possuíam lampiões para usar à noite, muitas ainda tinham fogões a lenha, e a comunidade em si, por ser pequena, se ajudava bastante.

Na primeira noite que passaram juntos depois de sair do hospital, a família toda se reuniu para um jantar à luz de velas. A comida já não era mais tão sofisticada, levaria um tempo para se acostumar com os

equipamentos mais antigos. Mas o importante é que depois de todas as dificuldades, eles encontraram o que queriam. A felicidade estava naquele jantar, e na vida que levariam daqui para frente. Eles estavam otimistas quanto a isso. Não demoraria muito para se adaptarem a uma vida sem energia e tecnologias. Um dos melhores lados, segundo os seus pais, era que o céu agora parecia mais estrelado, sem as luzes da cidade. E ele realmente estava. O que foi mais bonito, contudo, e que chamou atenção de todos não só pela beleza, foi que aquela foi a primeira noite em que a família viu uma aurora boreal no céu. Juntos, eles apenas aguardavam o que o destino fosse lhes dar.

Pois agora eram novamente como um.



Sobre Vítor Marmirolli



Vítor Luis do Prado Marmirolli encontra-se pela primeira vez publicando um conto, o qual, ironicamente, é diferente de tudo que ele já havia escrito. Amante de RPG e literatura fantástica, todas as suas produções têm um

pouco de magia e aventura, baseadas principalmente nas campanhas que jogou e narrou. Durante sua vida, Vítor já foi ator de teatro, músico, recriador e jornalista, mas foi na escrita literária, principalmente de contos e poesias, que encontrou sua verdadeira paixão. Apesar do pouco tempo livre, escrever e contar histórias sempre será um dos motivos pelo qual seu coração bate. Recentemente, o autor teve um de seus poemas publicados na segunda edição da revista *Liberdade Literária*.